



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURO
CURSO BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

MONOGRAFIA

**PESQUISA DE PÚBLICO DO MUSEU DE ARTE
LEOPOLDO GOTUZZO, PELOTAS/RS**

Márcia Cristiane Rodrigues

Pelotas/RS
Junho de 2016

Márcia Cristiane Rodrigues

**PESQUISA DE PÚBLICO DO MUSEU DE ARTE
LEOPOLDO GOTUZZO, PELOTAS/RS**

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mari Lucie da Silva Loreto

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carolina Martins Etcheverry

Pelotas/ RS

Junho de 2016

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mari Lucie da Silva Loreto

Prof. Dr. Daniel Mauricio Viana de Souza

Dedico esta monografia à minha família, principalmente à minha mãe e meu namorado que jamais me deixaram desistir, me apoiando em todos os momentos de dificuldade.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Mari Lucie da Silva Loreto por todo apoio, compreensão e paciência nos momentos em que pensei não conseguir concluir esta etapa. Agradecer pela confiança em mim investida e por estar ao meu lado sempre que precisei. À Prof^a. Dr^a. Carolina Martins Etcheverry, obrigada por todo apoio e tempo investido para que esse trabalho fosse concluído, por toda sua atenção e carinho.

Agradecer à minha família, pois sem eles não teria ido tão longe. À minha mãe Maria Isabel pela paciência, apoio e todos os puxões de orelha durante esses anos de graduação, aos meus avôs Egídio e Vitória que sempre estiveram do meu lado, a minha irmã Maristela pelo incentivo, pelo exemplo de persistência. Ao meu namorado Veridiano por não me deixar fraquejar nos momentos que pensei desistir dessa jornada, por acreditar no meu potencial e estar sempre ao meu lado. Meu muito obrigada ao meu tio Artur, meu padrasto Posada e meu amigo de todas as horas Pereira por estarem sempre torcendo por mim. Amo vocês!

Não poderia deixar de agradecer a dois presentes que o curso de Museologia me deu, Eliana Souza e Patrícia Cruz por serem incansáveis e me ajudarem em todos os momentos difíceis desde 2015 no estágio até a entrega final deste trabalho. Tenho maior orgulho e admiração por vocês, minhas Museólogas favoritas, agradeço por confiarem em mim e não me deixarem desistir e eternamente grata por todos os momentos, por cada palavra amiga, por cada bronca, por cada colo recebido de vocês, pois sei que muitas vezes estavam cheias de tarefas e abriram uma brechinha para lerem minha pesquisa. Meu muito obrigada por fazerem parte da minha vida, sem vocês não sei se teria conseguido.

Agradeço à Profa. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira pelos conselhos, dicas e compreensão durante a disciplina do Trabalho de Conclusão de Curso. Ao Prof. Dr. Daniel Mauricio Viana de Souza por aceitar participar da minha banca de avaliação. Ao Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro por disponibilizar sua pesquisa referente ao MALG e por toda ajuda sendo incansável e muito solícito em tudo que precisei. A equipe do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo que sempre estive de braços aberto para me ajudar no que fosse necessário, principalmente à Joana Lizzot e a Consuelo Rocha que desde o meu estágio me deram muito apoio para realização desta pesquisa.

O verdadeiro museu não ensina a repetir o passado, porém a tirar dele tudo o quanto ele nos dá dinamicamente para avançar em cultura dentro de nós.

Mário de Andrade

RESUMO

Rodrigues, Márcia Cristiane. **Pesquisa de público do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas/RS**. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas.

Este trabalho tem como objetivo identificar os motivos pelos quais parte da comunidade pelotense não visita o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, na cidade de Pelotas/RS. Uma vez que por meio dos livros de registros e questionários internos aplicados pela própria instituição museal pode-se perceber que em primeiro lugar nas visitas estão os estudantes seguidos por professores.

Para a realização desse trabalho foram aplicados questionários aos transeuntes do museu e à comunidade em geral a fim de descobrir as motivações para a não visita ou retorno ao museu. Por fim, foi feito um breve comparativo entre os resultados obtidos neste trabalho com a pesquisa realizada em 2010 pelo Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro e sua turma de Comunicação em Museus intitulada “Pesquisa de público nas cercanias do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas, RS.

Palavras-chave: Estudo de Público; Comunicação em Museus; Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Lista de Abreviaturas

MALG - Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

Lista de Figuras

Figura 1: Sala expositiva do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter	17
Figura 2: Logotipo Museu de Arqueologia e Antropologia.....	19
Figura 3: Fachada do Prédio Museu do Doce	20
Figura 4: Fachada do prédio Museu Gruppelli.....	21
Figura 5: Fachada do prédio Museu Etnográfico da Colônia Maciel	23
Figura 6: Fachada do prédio Museu da Colônia Francesa.....	25
Figura 7: Fachada do prédio Museu Histórico Morro Redondo.....	27
Figura 8: Logotipo Museu das Coisas Banais.....	29
Figura 9: Convite Original Inauguração do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.....	34
Figura 10: Notícia divulgada no Jornal Diário Popular, novembro de 1986.....	35
Figura 11: Fachada 1º prédio onde foi instalado o Museu.....	36
Figura 12: Fachada 2º prédio do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.....	36
Figura 13: Fachada atual do Museu.....	37
Figura 14: Jornal Diário Popular - Educação e Cultura, junho de 1995.....	39
Figura 15: Programação do “Ciclo de Palestras MALG 30 ANOS”.....	42
Figura 16: Convite da exposição “Gotuzzo Revisitado”	43

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Sexo	46
Gráfico 2: Idade	47
Gráfico 3: Escolaridade	48
Gráfico 4: Você gosta de museus?	49
Gráfico 5: Você já visitou o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo?	50
Gráfico 6: Se já visitou, com quem?.....	51
Gráfico 7: Se não, por quê?	52
Gráfico 8: Após sua primeira visita, você retornou ao Malg?.....	53
Gráfico 9: Se sim, o que te fez retornar?.....	54
Gráfico 10: Se não retornou, por quê?.....	55
Gráfico 11: Que atividades o museu poderia realizar para que você pudesse retornar ou visitá-lo pela primeira vez?.....	56

Sumário

Introdução	01
1. MUSEUS DIALOGANDO COM O PÚBLICO	
1.1 Comunicação em Museus e Pesquisa de Público	04
1.2 Museus Universitários da Universidade Federal de Pelotas e suas trajetórias	14
1.2.1 Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter	17
1.2.2 Museu de Arqueologia e Antropologia.....	19
1.2.3 Museu do Doce.....	20
1.2.4 Museu Gruppelli	21
1.2.5 Museu Etnográfico da Colônia Maciel	23
1.2.6 Museu da Colônia Francesa	25
1.2.7 Museu Histórico de Morro Redondo	27
1.2.8 Museu das Coisas Banais	29
2. MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO E A COMUNIDADE PELOTENSE	
2.1 Museus de Arte Leopoldo Gotuzzo: sua trajetória e relação com o público.....	32
2.2 Desenvolvimento e análise da pesquisa.....	45
Considerações Finais	59
Apêndices	66

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) tem como objetivo norteador compreender porque parte da comunidade de Pelotas não frequenta o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) ou não torna a visitá-lo. Nesse sentido, buscamos propor algumas sugestões para as falhas apontadas pela comunidade, já que é essencial que instituições museológicas conheçam seus visitantes, para uma interação consistente entre museu e público.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo¹ é um órgão suplementar do Centro de Artes, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que oferece, além de exposições de artes, atividades como cursos, visitas orientadas e palestras. É uma Instituição aberta à comunidade e sem fins lucrativos, que em 2016 estará completando seus 30 anos de existência, tendo como missão zelar pela preservação e conservação de seu acervo artístico e documental.

A pesquisa de público torna-se de suma importância para os museus sendo que é um dos métodos utilizados para saber se o museu está se comunicando com o público e mostrando suas falhas na comunicação para que essas sejam solucionadas. Considerando que o processo de comunicação pressupõe o diálogo entre o emissor (museu) e o receptor (público), entre os quais se dá uma troca (feedback), fica fácil perceber que a pesquisa de público apresenta ao museu respostas para que haja uma melhor comunicação com a comunidade em geral e não somente com estudantes.

Andrea Cogan (2011) afirma que é indispensável que o museu conheça o perfil do público para que assim seja possível um diálogo e trocas de informação. Quanto mais o museu identificar os diferentes segmentos de público com os quais se relaciona, melhor direcionará suas exposições e atividades culturais.

Neste sentido observou-se que as pesquisas de públicos começam a surgir nos anos 1960, especialmente na Europa, revelando além do perfil do visitante, as motivações e o comportamento do seu público. Luciana Sepulveda Köptcke (2012) comenta que os estudos

¹ As informações relativas ao histórico do Museu de seus acervos e coleções utilizadas nesse trabalho estão disponíveis em: <http://wp.upfel.edu.br/malg/>. Também foi utilizados folders e documentos da instituição para a elaboração do texto.

de públicos surgiram, no Brasil, a partir dos anos 1970 com o intuito de avaliar as exposições, já nos anos 1980 começam as avaliações de público com o foco nos visitantes, estudos que ainda são recentes no País.

Segundo Tatiana Caetano Rocha (2013), a avaliação de público tem como finalidade a reflexão da comunicação, reforçando a necessidade de organizar os métodos de transmissão de mensagens, para que o público consiga realizar suas interpretações após a visita no museu. É, também, através dos estudos de públicos que são apontadas as falhas na comunicação cometidas pelos museus e que às vezes faz com que os visitantes não voltem ou não tenham interesse para visita, em contrapartida através deles podem-se ajustar os ruídos na comunicação, criar estratégias e mecanismos para atrair o público.

As instituições museológicas precisam do público, sem ele não teriam razão para existir, mas é preciso dialogar e criar métodos atrativos para que novos visitantes sejam atraídos para o museu. Faz-se necessário deixar claro que o museu é um ambiente em que se constrói conhecimento através da interação e não lugar de “coisas velhas”, como era conhecida a instituição no passado.

O interesse por esse trabalho surgiu na disciplina de Estágio Curricular, no ano de 2015, realizado no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Nesse período foi possível constatar que em sua grande maioria, o público visitante eram estudantes (o que foi confirmado através do livro de registros e questionários internos aplicados pelo próprio museu). Porém, ao questionarmos se esse era o público alvo determinado pela instituição observamos que no regimento interno do MALG não há um público alvo definido. Algumas interrogações surgiram a partir dos diálogos com os funcionários da instituição, dentre elas, o porquê da comunidade não adentrar a Instituição? Quais os motivos para esse acontecimento? Ou porque alguns visitantes não retornam ao museu? Cabe ainda colocar, que se trata de um museu localizado no centro comercial de Pelotas, onde há grande fluxo de pessoas.

Rozélia Vieira Teixeira era estudante do curso de Turismo – UFPel e estagiou no MALG no ano de 2014, e durante esse período aplicou alguns questionários (qualitativo e quantitativo) e analisou o livro de assinaturas a fim de descobrir quem eram os visitantes do museu. O resultado constatado, tanto pelos questionários como pelo livro de registros, foi que a maioria de visitantes é estudante, em segundo lugar, professores, sendo que fica

evidente a necessidade de implementar ou delinear estratégias comunicacionais para uma interação entre a comunidade em geral e o museu, visando até mesmo atrair outros tipos de público. É função do museu: preservar, pesquisar e comunicar, como aponta a Lei 11.904/2009 em seu Art. 31: “As ações de comunicação constituem formas de se fazer conhecer os bens culturais incorporados ou depositados no museu, de forma a propiciar o acesso público”. Ainda de acordo com o Estatuto dos Museus (2009) os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes. Os museus precisam interagir com o público, escutar seus visitantes, trocar informações afinal está aberto para que sejam visitados e as avaliações de público são muito eficazes nesse aspecto.

Sendo assim, torna-se essencial que o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo tenha um trabalho de pesquisa de público realizado em seu entorno e com a comunidade pelotense, não somente para a instituição, mas para a Museologia em si, já que esses estudos de públicos ainda são recentes, a fim de trazer soluções para que sejam implantadas melhorias, se assim for necessário. É fundamental para o museu conhecer seu público, suas expectativas, suas opiniões para que haja sempre uma boa comunicação e não haja queda na visitação. O museu precisa conhecer seu não público² para criar maneiras de atraí-los, dar atenção a opinião de seus potenciais visitantes para que esses se sintam incluídos e assim visitem e ou retornem a visitar o museu.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. Primeiramente com base na comunicação em museus, realizamos um levantamento bibliográfico acerca da comunicação institucional, pois visa projetar uma imagem favorável no público em questão e gerar empatia com ele. Precisa-se ainda destacar a relevância da comunicação em museus, pois, ao buscar percepções favoráveis sobre a instituição museológica, esperamos facilitar a penetração e a consolidação do museu na comunidade do entorno. Serão abordadas também as pesquisas de públicos e sua importância para o meio comunicacional. Em seguida, temos um breve histórico dos museus universitários seguido dos museus da UFPel e relações destes com o público, mais precisamente se houve estudo de público nas instituições.

²Neste trabalho o uso do termo “não público” será utilizado com o intuito de especificar o indivíduo que transita no entorno do museu, mas não entra na instituição.

No segundo capítulo, foi abordada a trajetória e a relação com o público do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Em seguida, o desenvolvimento da pesquisa deste trabalho, com tabulação dos questionários aplicados. Os questionários³ totalizam 100 entrevistados, sendo aplicados entre os dias 19, 20 e 22 de abril de 2016, nos turnos da manhã e a tarde em locais de bastante movimentação na cidade. Além de observações feitas pelo entrevistador, será feita uma breve comparação com o estudo de público realizado em 2010 pela turma de Comunicação em Museus, ministrada pelo Professor Dr. Diego Lemos Ribeiro, intitulado “Pesquisa de Público nas Cercanias do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo” com o objetivo de analisar se houve melhorias na comunicação museu e público durante esses seis anos.

³ O questionário elaborado para a aplicação da pesquisa de público se encontra em apêndice nesse trabalho.

1- MUSEUS DIALOGANDO COM O PÚBLICO

Neste primeiro capítulo, será abordado o sistema de comunicação aplicado nos museus e a importância dos estudos de público na área museológica. Ainda será abordada brevemente origem dos museus universitários, a trajetória dos museus da Universidade Federal de Pelotas e sua relação com o público.

1.1 Comunicação em Museus e Pesquisa de Público

Conforme o Estatuto dos Museus, os museus são definidos como

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, p.1)

Segundo os Conceitos-chave de Museologia o termo “museu”

Tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração. (Desvallées e Mairesse, 2014, p.64)

Podemos ver o museu como um lugar onde memórias são preservadas; memórias de uma cidade, um país, uma pessoa, enfim é o lugar onde histórias marcantes nos fazem viajar no tempo. Mas, apesar de retratar histórias passadas, o museu é o lugar para pensarmos o presente e refletirmos sobre o nosso tempo, e não lugar de coisas velhas, museu é lugar de cultura, de conhecimento, de aprendizado, de interatividade, de transformação entre outros. É o que concorda Maria Ivone Degelo (2009) ao dizer que “a

relevância dos museus consiste na guarda de objetos de uma história comum, necessários à identificação de uma cultura, à promoção da relação entre o passado e o presente”.

Ainda sobre os museus, Bezerra; Serres; Conceição; Chaves (2015) afirmam que:

Os museus preservam bem culturais considerados importantes para uma sociedade. Porém, por muito tempo, a origem desses objetos foi restrita a determinados eventos e grupos sociais, excluindo os vestígios materiais de grande parte da população, cujas memórias não eram representadas nos museus, fazendo com que, em muitos casos, fossem vistos como locais elitizados, distantes da vida da comunidade. (BEZERRA; SERRES; CONCEIÇÃO; CHAVES, 2015, p.433).

Concordamos com Rosana X. Oliveira (2013) quando fala que os museus são atrações tradicionais, fazendo parte do turismo da cidade, sendo assim são de extrema importância para a sociedade. Ainda segundo a autora, os museus deixaram de serem lugares de guarda e conservação e tornam-se locais de criação, comunicação e produção de conhecimento.

Com o passar do tempo podemos notar que as prioridades dos museus foram mudando. No começo eram abarrotados de todos os tipos de objetos (o chamado gabinete de curiosidades), depois tornando-se centro de pesquisa, e após se preocupando com as exposições como forma de divulgar o conhecimento. E as mudanças seguem, os museus tornam suas exposições voltadas para a educação (com preocupações pedagógicas), começam as avaliações das exposições, pois mostrava que nem sempre quantidade é sinal de qualidade, e após a importância de conhecer o visitante, o museu passa a prestar atenção no receptor que deixa de ser só um recipiente vazio onde as informações são depositadas e passa a ser participante ativo em todo o processo museológico, onde o que realmente importa é a experiência do visitante assim o museu procura saber quem é seu visitante, seus gostos, suas opiniões e logo mais busca entender quem é seu não público, quem são os que não adentram ao museu buscando entender quais ruídos na comunicação estão sendo causados para que esse visitante em potencial não o visite.

Estamos de acordo quando Oliveira (2013) comenta referente à questão da comunicação, que o museu se destaca porque é um veículo de comunicação de ideias e conhecimento com o público em geral. Estando aberto ao diálogo para qualquer indivíduo que queira visitá-lo. Júlia Rocha Pinto (2011) afirma que a reflexão sobre a comunicação abriu um novo campo de análise, tomando pesquisas sobre os públicos e estratégias de recepção uma prática recorrente.

Mostrando que é indispensável que o museu conheça o perfil do público para que assim seja possível um diálogo e possa haver trocas de informação (*feedback*). Quanto mais o museu identificar os diferentes segmentos de público com os quais se relaciona, melhor direcionará suas exposições e atividades culturais (COGAN, 2011, p.192).

Com o passar do tempo os museus foram se adequando os diversos tipos de públicos e tornando-se assim mais acessíveis, embora em alguns museus encontremos restrições que distanciam o público como a falta acessibilidade, questão econômica, ruídos na comunicação entre outros, são barreiras que aos poucos vão sendo derrubadas e muitas vezes descobertas através dos estudos de públicos aplicados nessas instituições.

Luciana SepulvedaKoptcke (2012) afirma que:

Não há museu sem público – e representação sobre estes. A construção dos visitantes dos museus no plano das representações sempre existiu. Colecionadores, curadores, pesquisadores, artistas, profissionais de museus, educadores, gestores culturais, pais ou visitantes elaboram, de forma mais ou menos explícita, imagens parciais de um público ideal e de um comportamento desejável. Os responsáveis pelos estudos e avaliações nos museus, um corpo cada vez mais especializado, passam a participar das disputas simbólicas referentes aos diversos visitantes, não visitantes e usos sociais da instituição. (KOPTCKE, 2012, p.214)

No entanto torna-se imprescindível que o museu conheça não só seu público como também o não público. Segundo Amanda Lúcia G. P. D. Guapo (2010), uma avaliação precoce do público ao qual se destinam os conceitos que o museu pretende transmitir, aumenta o conhecimento das necessidades e dos interesses desse mesmo público,

ampliando-se, assim, as hipóteses de desenvolver atividades que passem mensagens com sucesso, proporcionando aos seus visitantes momentos de absoluta fruição do museu.

Para Marília X.Cury (2005) falar em comunicação em um museu

É inevitável posto que todos os museus, independente de tipologia, são instituições culturais e cultura e comunicação estão imbricadas, tanto que podemos falar em comunicação social. O museu formula e comunica sentidos a partir do seu acervo. Esses dois atos, formulação e comunicação, são indissociáveis e, por isso, atribuem a essa instituição o papel social. (CURY, 2005, p.7)

Devemos ressaltar que há diferença entre comunicação em museus e comunicação museológica. Cury (2008) nos mostra que comunicação em museus remete às ações em um museu, já comunicação museológica remete à subárea de conhecimento da museologia. E continua ao dizer que os dois termos estão interligados, mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus. (CURY, 2008, p. 270)

Segundo ALMEIDA (2003) o modelo de comunicação utilizado atualmente é composto por quatro elementos: o emissor, o que emite a mensagem; o receptor, o que recebe a mensagem; a mensagem, que é aquilo que está sendo transmitido – é a informação e, o retorno ou feedback, que é a reação do receptor ao comportamento do emissor, ou seja, é o retorno, a resposta da informação recebida.

Cury (2007) afirma que a comunicação está ganhando destaque entre as ações do processo museológico, devido a fatores internos e externos:

Internamente, os museus vêm aprimorando uma práxis operatória cíclica que se fecha, sem nunca se completar, na comunicação, especificamente na recepção do público. Externamente, o público de museus vem aumentando a sua consciência quanto aos seus direitos de sujeito cultural no processo de interpretação do patrimônio cultural musealizado. Essa dinâmica entre o interno e o externo – entre museu e sociedade, e entre os profissionais de museus e públicos – cria um “lugar metodológico” para

que os museus universitários - dentre vários aspectos – desenvolvam pesquisa comunicacional. (CURY,2007, p.69)

E continua, dizendo que a pesquisa em museologia não é e não está somente restrita aos museus universitários, mas que:

O museu universitário é um lócus primordial de pesquisa sistemática e permanente, não somente porque esta é uma de suas responsabilidades, mas, sobretudo, porque esta tipologia de museu tem constitutivamente, a produção e a recepção unidas de forma indissociável. (CURY,2007, p.69).

No exterior, as pesquisas de públicos começam a surgir nos anos 60 revelando além do perfil do visitante, as motivações e o comportamento do seu público (CARVALHO,2007). As relações entre museu e público são pouco estudadas e afirma que:

Os estudos de avaliação se iniciam nos anos 70 e se aperfeiçoam nos anos 80, observando os ganhos afetivos e cognitivos dos visitantes. Nesse sentido se aproxima da Ciência da Informação, que tem estudado a informação e os processos cognitivos. A psicologia do visitante de museu e, particularmente, o processo da comunicação museológica e da percepção da informação veiculada e das peças são objetos de estudo de pesquisadores, embora ainda se faça as pesquisa de perfil, porém com menor ênfase (CARVALHO,2007, p.5).

Luciana S. Köptcke (2012) concorda ao dizer que os estudos de públicos surgiram no Brasil, a partir dos anos 70 com o intuito de avaliar as exposições, já nos anos 80 começam as avaliações de público com o foco nos visitantes. Segundo Luciana Ferreira da Costa e João Carlos Pires Brigola (2014), o precursor deste tipo de estudo foi o inglês Francis Galton, que observou e analisou o comportamento do público em salas de exposição dos museus vitorianos de sua época. Já no Brasil a pioneira em estudos de públicos é Cristina M. de Souza e Silva.

No País, o registro do público teve início no final do XIX, início do XX, dados contidos acerca dos números dos visitantes aos museus por mês e ano, no Primeiro

Anuário Estatístico do Brasil (AEB), referente ao período 1908-1912 (KOPTCKE, 2005, p.188).

Segundo KOPTCKE (2005) com a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, que implementou a ideia de museu integral, que é uma instituição que dá atenção aos problemas da comunidade que está inserido, mas seus discursos ainda são caráter conscientizador. OLIVEIRA (2013) diz que com a Declaração de Caracas, em 1992 surge a ideia de museu como um sistema de comunicação. Ainda segundo a autora desse encontro resultou uma concepção da comunicação como a função museológica, em que todas as atividades da instituição são voltadas para o mesmo para o saber comunicar.

É necessário que os museus busquem por melhorias, tanto nas exposições, como a divulgação da instituição e principalmente com a relação do museu com o público, tanto no tratamento com o visitante, como suas expectativas, suas motivações e opiniões. O museu necessita do público então precisa buscar mecanismos para que esse se sinta incluído naquele espaço. A instituição museu não exerce sua função somente para o público mas agora com o público.

Segundo KOPTCKE (2005-2012) os museus americanos são os pioneiros a realizarem pesquisas relacionadas ao público e ao não-público além de as primeiras iniciativas de registro e identificação dos visitantes serem feitas por meio dos livros de visitante preenchidos pelos porteiros responsáveis pelas salas ou ainda pelos visitantes que assinavam o livro de ouro do museu. Que continua ao dizer que:

Após a segunda guerra, os estudos de público se beneficiaram das pesquisas sobre o tempo livre e sobre os meios de comunicação de massa, situando a visita dentre as escolhas do tempo livre e observando como a informação circula e como grupos e indivíduos se influenciam reciprocamente. Nesta linha, a teoria da comunicação abre uma possibilidade importante para abordar visitantes na sua relação com as exposições nos museu. (KOPTCKE,2012, p215)

Voltamos a lembrar que o primeiro museu considerado público foi o AshmoleanMuseum, digo considerado, pois havia restrições para fazer a visitação, em

1653 na Inglaterra. No Brasil, é criado em 1816 por D. João VI, o Museu Real, atualmente Museu Nacional de Belas Artes. No ano de 1821, uma portaria é decretada oficializando as visitas públicas somente às quintas-feiras, restringindo-se a receber pessoas da elite (KOPTCKE, 2005). Somente no século XX há uma mudança no âmbito museológico, onde os museus passam de locais de contemplação a instituições com caráter pedagógico, abertos à pesquisa para qualquer pessoa que se interessasse (KOPTCKE, 2005).

Quando se fala em aprendizagem em museus não se deve esquecer que cada indivíduo aprende de uma maneira diferente, possui conhecimentos e interesses por coisas diferentes, cada um volta sua atenção para objetos que podem não ser os mesmos do que o visitante ao lado. Os museus devem estar preparados para o recebimento de todas as tipologias de público, desde os mais cultos até os que não estão muito familiarizados com os museus. A mensagem que será passada não pode ser transmitida do mesmo modo para os diversos tipos de públicos, devendo adequar-se sempre para assim evitar barreiras na comunicação.

Concordamos quando Lopes e Almeida (2003) afirmam que “as pesquisas de público trazem a “voz” do usuário/espectador/visitante ou um potencial usuário”. A pesquisa de público é um dos campos que estudam a relação entre público e museus. Na maioria das vezes pesquisas realizadas são feitas com os frequentadores dos museus, com o intuito de avaliar alguma exposição ou atividade que a Instituição tenha realizado ou saber quem são os seus visitantes, são raras as pesquisas de público voltadas para quem não adentra ao museu. Servem também para os museus planejarem melhor sua programação e direcionar sua divulgação (CARVALHO, 2007, p.5).

Segundo CURY(2007) a pesquisa de recepção é uma das possibilidades de avaliação museológica. É através dela que se percebem os usos que o público faz do museu, da exposição e da ação educativa, fazendo a instituição rever todo seu processo a partir da visão do receptor. Ainda segundo a autora avaliação museológica é uma denominação (ou termo) que engloba, até então, todos os estudos com públicos realizados no contexto do museu, inclusive aqueles relativos à produção científica.

Os museus precisam interagir com o público, escutar seus visitantes, trocar informações, afinal, está aberto para que sejam visitados e as avaliações de público são

muito eficazes nesse aspecto. As instituições museológicas precisam do público, para isso precisam dialogar e criar mecanismos atrativos a novos visitantes.

Na Museologia, Cury (2008) explica que

A avaliação museológica passa a ser pesquisa ou estudo de recepção, ou seja, ela deixa de ser avaliação de processos e resultados – para alimentar, corrigir e ajustar o projeto de gestão, fazê-lo acontecer, enfim -, e passa a ser estudo de recepção, das formas de uso que o público faz do museu e das interações geradas pelas exposições, em face das mediações culturais a pesquisa de recepção de público é importante para o museu, porque são os usos que o público faz dele que lhes dão forma social. A pesquisa de recepção é fundamental para a museologia porque é uma das possibilidades de produção de conhecimento e construção teórica. (CURY,2008, p. 275)

Para Köptcke (2012) *apud* Octobre (2007) o público pode ser definido em 4 categorias:

Público: visitantes de museus efetivos ou praticamente.

Público potencial: grupos que possuem características sócios culturais parecidas com os públicos efetivos de museus, ou praticamente, e que podem vir a se tornar futuros frequentadores dessas instituições, por frequentarem outros centros culturais.

Não públicos: grupos de pessoas que não frequentam museus e não demonstram interesse pelos mesmos, se demonstrando desfavoráveis a essa prática.

População: universo agrupado a população de certas localidades que servem como base para estudos dos diferentes grupos de frequentadores. (KOPTCKE,2012, p. 217, 218)

Já para Almeida (2005) *apud* Marilyn Hood (1983) define 3 categorias de público, conforme sua assiduidade aos museus:

Público frequentador: visita os museus pelo menos três vezes ao ano.

Público eventual: visita museu a cada uma ou duas vezes ao ano.

Não público: que passa 2 anos sem ir a um museu. (ALMEIDA,2005, p. 41)

Laurent Fleury (2009) menciona o uso da categoria não público, em maio de 1968, como sinônimo de “excluídos da cultura”, não sendo considerados nem como um público potencial. O não público é mencionado por Luciana Köptcke (2012), como “aqueles que se diferenciam dos potenciais visitantes e dos praticantes efetivos em seu perfil sociocultural e demonstram pouco ou nenhum interesse ou familiaridade quando indagados a respeito destas instituições” (KÖPTCKE, 2012, p.216).

Portanto neste trabalho o uso do termo “não público” será utilizado mais próximo da definição de Köptcke (2012) e com o intuito de especificar o indivíduo que transita no entorno do museu, mas não entra na instituição. É fundamental para o museu conhecer seu público, suas expectativas, suas opiniões para que haja sempre uma boa comunicação e não haja queda na visita. O museu precisa conhecer seu não público para criar maneiras de atraí-los, dar atenção a opinião de seus visitantes para que esses se sintam incluídos e assim retornem.

1.2 Museus Universitários da Universidade Federal de Pelotas e suas trajetórias

Existe um viés entre museu e instituição de ensino, muito antes da invenção da universidade, como a entendemos hoje. Mostrando que desde o início a pesquisa e a busca por conhecimento estavam inseridas neste novo mundo dos museus, Almeida (2001) afirma que

A formação de coleções provavelmente faz parte das atividades da humanidade desde suas origens. Entretanto, sempre que se escreve sobre as origens da palavra museu, destaca-se o *mouseion* de Alexandria, onde coleções de objetos e livros além de laboratório, observatório, jardim botânico e zoológico estavam à disposição dos pensadores (ALMEIDA,2001, p.12)

Os pensadores tinham milhares de manuscritos à sua disposição, ser sábio/intelectual naquela época era indispensável, quanto mais conhecimento o indivíduo tinha, mais “valor” detinha perante a sociedade, estavam sempre na busca por conhecimento, pesquisando e aprimorando seus saberes. As diversas funções do *mouseion* segundo Almeida (2001) “foram historicamente divididas em diferentes instituições, são elas: universidade realiza o ensino superior; as bibliotecas guardam as fontes escritas e os museus preservam os objetos”. Mas deixa claro que séculos separam o que são as universidades medievais do *mouseion* de Alexandria.

A universidade foi reconhecida formalmente como tal, somente no século XIV, antes disso, era somente grupos de estudos, na busca de conhecimento, formado por professores e alunos, o que mudaria com o passar do tempo, com utilização de prédios próprios para essas funções, assim surge o campus universitário.

Segundo Almeida (2001)

Os primeiros museus universitários formaram-se a partir da doação de grandes coleções particulares às universidades. A atitude do colecionador e/ou seus herdeiros, de passar a salvaguarda de uma coleção à universidade, pressupunha que a instituição era digna, adequada e competente para exercer essa função. (ALMEIDA, 2001, p.13)

O primeiro universitário é também considerado o primeiro museu público, nasceu em 1653 na Inglaterra, o Ashmolean Museum. Mesmo sendo considerado um museu público, o mesmo ainda mantinha-se de certa forma restrito, sendo seletivas as suas visitas, com acesso à comunidade acadêmica da Universidade de Oxford. A Instituição Museu abre suas portas para o público em geral somente no século XVIII. Ashmolean Museum surgiu através da doação de Elias Ashmole à Universidade de Oxford, que pensava ser a melhor guardiã para suas coleções visando já servir para estudos futuros; o doador tentou garantir que sua coleção fosse preservada e para isso por muito tempo inspecionou sua doação. Almeida (2001) afirma que “nem sempre se pode dizer que uma coleção pode ser usada para ensino ou pesquisa da Universidade que a possui”, exemplificando que Ashmolean Museum possui desenhos da renascença mas a Universidade não possui curso de Artes ou História da Arte.

Vale ressaltar que muitos museus universitários surgem a partir da criação das universidades. No Brasil, com a fusão de Institutos e Escolas de nível superior foram criadas as universidades; essas escolas de nível superior foram criadas depois de 1808, com a vinda da família real. Segundo Almeida (2001) a primeira universidade do Brasil foi criada por decreto em 1920, mas concretizada na prática somente em 1935, é a Universidade do Brasil, situada no Rio de Janeiro. A autora ainda nos fala sobre os primeiros museus universitários brasileiro, que segundo ela

Se nos detivermos apenas no ano de criação, perceberemos que todos os museus foram fundados no século XX, com três exceções do século XIX: Museu Nacional/UFRJ, Museu de Zoologia/USP e Museu Paulista/USP. Esses três museus foram incorporados às universidades no século XX. Se verificarmos melhor, veremos que a grande maioria dos museus é bastante recente, criada a partir da década de 50. Somente a Universidade de São Paulo tem coleções e museus datados das décadas de 20 e 30, e são poucos aqueles da década de 40. (ALMEIDA,2001, p.52)

A autora continua ao dizer que “um museu universitário tem suas funções ligadas à história da universidade, da formação da coleção e também da região em que se localiza. Esses fatores, aliados às políticas de ensino, pesquisa e extensão das universidades, são fundamentais para a construção do perfil do visitante” (ALMEIDA,2001, p.27).

Compreende-se que as atuações dos museus universitários devem ser parte de uma política universitária devidamente organizada com uma estrutura planejada, envolvendo a universidade, a comunidade e o museu. A construção desta corrente só será possível se houver uma integração coletiva, estendendo-a a comunidade em geral, buscando torná-la mais agregadora, mais abrangente, a partir das trocas de experiência, incorporadas ao trabalho diário dos museus, das instituições, das salas de aula, dos responsáveis pela gestão universitária, buscando novas perspectivas a partir de outros olhares e de outros saberes.

A Universidade Federal de Pelotas⁴ foi criada pelo Decreto – Lei nº 750, de 8 de agosto de 1969. É uma Fundação de Direito Público, dotada de personalidade jurídica, com autonomia administrativa, financeira, didático - científica e disciplinar, de duração ilimitada, com sede e foro jurídico no Município de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, regendo-se pela Legislação Federal de Ensino, pelas leis que lhe forem atinentes, por seu Estatuto e pelo Regimento Interno.

Segundo o site da Instituição, a UFPel tem como missão “promover a formação integral e permanente do profissional, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida e com a construção e o progresso da sociedade. Sempre atentando para o crescimento e o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil, bem como para as demandas de nossa cidade e região, vem apostando no crescimento e busca de excelência nas áreas em que atua”.

A Universidade Federal de Pelotas conta com quatro museus universitários que são: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Museu de Arqueologia e Antropologia, Museu do Doce.

Além de manter mais quatro projetos de extensões e um de iniciação científica, sendo que três estão localizados na região da colônia de Pelotas e um na cidade de Morro Redondo, são eles: Museu Gruppelli, Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Museu da Colônia Francesa, Museu Histórico de Morro Redondo e Museu das Coisas Banais.

⁴ As informações relativas ao histórico e demais informações da Universidade Federal de Pelotas utilizadas nesse trabalho estão disponíveis em: <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>

1.2.1 Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter



Sala expositiva do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter
Fonte: Monografia José Paulo Brahm, 2014

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter têm suas origens em coleções particulares de Carlos Ritter⁵, contando ainda com acervo entomológico pertencente ao pesquisador Ceslau Maria Biezanko⁶ que foi adquirido pela UFPel após a sua morte em 1985.

Segundo José Paulo Siefert Brahm (2014) o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter foi inaugurado ao público no ano de 1970. Ficou desativado por oito anos e reinaugurado em 1988. No ano de 2010, o Museu mudou para o prédio onde até hoje permanece, Rua Barão de Santa Tecla, 576, no centro da cidade de Pelotas.

⁵ Segundo BRAHM(2014) Carlos Ritter era um naturalista autodidata que viveu no período de 1851 a 1926. Natural de São Leopoldo, RS, e filho de imigrantes alemães, foi responsável por trazer modernidades da época à cidade de Pelotas, no século XIX.

⁶ Segundo BRAHM (2014) Ceslau Maria Biezanko (1895-1985) era pesquisador, professor, entomólogo e naturalista de origem polonesa. Também atuou como professor na Escola de Biologia e Veterinária Eliseu Maciel, da UFPel. Suas coleções entomológicas e inúmeros periódicos publicados são considerados como referência obrigatória para os entomólogos atuais.

Na rede social Facebook⁷ da instituição consta que seu acervo possui cerca de seis mil espécies e a coleção de insetos é uma das maiores do Brasil com 4500 espécies, além de um dos maiores acervos de aves taxidermizadas, reconhecido pela sua diversidade e qualidade. O acervo ainda é composto por mamíferos, répteis, peixes, esqueletos e fósseis.

No ano de 2014, foi realizado pelo Museólogo José Paulo Siefert Brahm um estudo de público, com o objetivo de investigar o afastamento do público leigo em relação ao Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, buscando responder duas questões: “Por que o público leigo se encontra afastado do museu?”; “Quais os fatores que vem levando a isso?” (BRAHM,2014, p.8). Como resultado desse estudo observou-se que:

Que a maioria do público que não frequenta o museu nunca o visitou porque desconhecia a sua existência, seguido da falta de tempo, da pouca divulgação realizada pelo museu, e da falta de novas exposições que sejam atrativas. Motivos esses que vêm se mostrando como uma das principais barreiras do afastando da sociedade em relação à instituição nos últimos anos. (BRAHM,2014, p.53)

No mesmo ano, a instituição passou a contar com o projeto de extensão denominado “Exposições 2014”, que visa à realização de seis a oito exposições. Houve avaliações de público referente a uma exposição “Biocústica: o mundo sonoro dos grilos” contando com aplicações de questionários além das sugestões e críticas deixadas no mural de recados do museu. Com a aplicação do questionário aplicado a “sessenta pessoas entre alunos, professores e acadêmicos o resultado obtido foi 78,3% de acerto, 16,6% de erro e 5% de abstenção referente à questão “Por que os grilos, gafanhotos e esperanças produzem os sinais acústicos?”” (LIMA; BRAHM; SILVEIRA; DORNELLES,2014, p.41) mostrando que parte do público compreendeu o discurso da exposição.

Segundo Lima; Brahm; Silveira; Dornelles (2014) avaliação realizada através da elaboração de um mural de recados, onde o público poderia deixar sugestões e críticas

⁷ As informações relativas ao acervo do museu utilizadas nesse trabalho esta disponível na rede social Facebook do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, acesso em 16 de maio de 2016
<https://www.facebook.com/pages/Museu-de-Ci%C3%A7ncias-Naturais-Carlos-Ritter/145686382168279>

livremente, resultaram 98% das pessoas deixando comentários e elogios e 2% sugestão e críticas. Contudo, o livro de visitantes passou por uma análise mostrando um aumento do número de visitantes que foi associado a exposições com temas mais atrativos.

1.2.2 Museu de Arqueologia e Antropologia



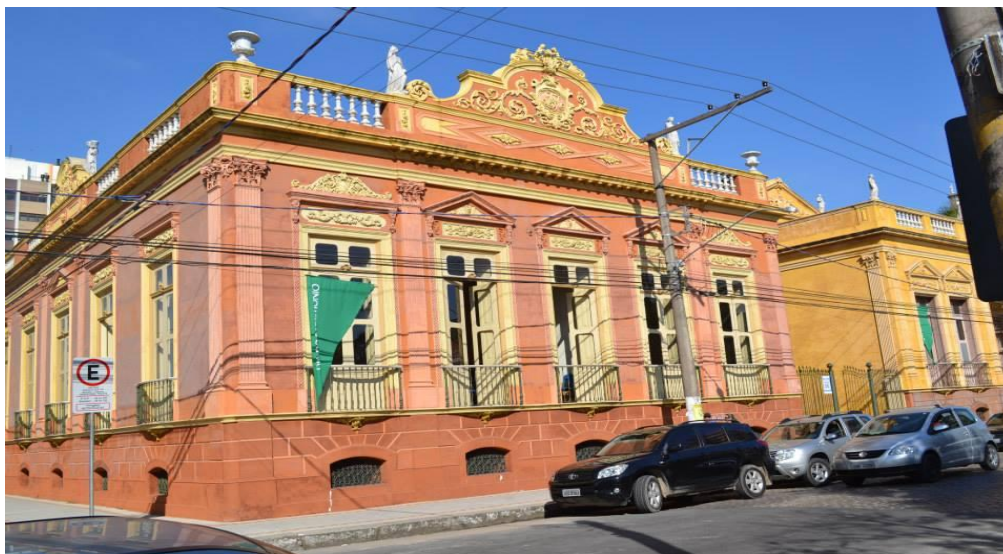
Logotipo Museu Arqueológico e Antropológico
Fonte: <https://www.facebook.com/muaranufpel/?fref=ts>

O Museu de Arqueologia e Antropologia⁸ foi instituído pela UFPel em 2009, por meio do reconhecimento de uma comissão de implantação (portaria UFPel n. 759 de 18 de maio de 2009). Tem como missão institucional o fomento à pesquisa arqueológica e antropológica, a sistematização, divulgação e incentivo do interesse público acerca do patrimônio arqueológico e etnológico, e de suas interpretações. Considera, sobretudo, sítios, registros e acervos que testemunham a presença ameríndia, a escravidão e seus efeitos sociais na região de Pelotas.

Mesmo não possuindo espaço físico o Museu de Arqueologia e Antropologia já vem fazendo várias ações junto à comunidade Pelotense, como exposições itinerantes, palestras, ações educativas entre outras. Porém não possui nenhum estudo de avaliação dessas atividades.

⁸As informações relativas ao histórico do museu utilizadas nesse trabalho esta disponível na rede social Facebook do Museu Arqueológico e Antropológico <https://www.facebook.com/muaranufpel/?fref=ts>

1.2.3 Museu do Doce



Fachada do prédio Museu do Doce

Fonte: <https://www.facebook.com/museudodoce/?fref=ts>

O Museu do Doce foi criado pela portaria nº1.930, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da UFPel, no dia 30 de dezembro de 2011, tem sua sede na Praça Coronel Pedro Osório, nº.08, mais conhecido como Casarão 8. Tem como missão pesquisar e comunicar o saber fazer dos doces finos e dos doces coloniais, bem como, as influências de várias etnias encontradas na região, que contribuem para o enriquecimento e a particularidade dos doces tradicionais de Pelotas.

Em 2013, começam as primeiras visitas públicas, com datas específicas como FENADOCE e Dia do Patrimônio, com o intuito de apresentar o casarão 8 a comunidade pelotense. Mesmo ainda não havendo exposição, essas visitas eram mediadas por alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro, passando por curso de formação a respeito do histórico do prédio, os primeiros residentes do local, informações sobre a implantação do museu entre outros assuntos. Com isso, houve uma contagem das informações presentes no livro de visitas do museu, totalizando 4.800 pessoas, sendo que 3789 são visitantes locais, 972 pessoas visitantes de outras localidades e 39 pessoas de outros países (COELHO; CHAVES; FREITAS; YUNG; LEAL, 2014).

Segundo Coelho; Chaves; Freitas; Yung; Leal (2014) “o Museu do Doce prova que está a serviço da comunidade, e que o compromisso com a sociedade vai muito além do que é oferecido com uma exposição”.

No ano de 2015, foi realizada a primeira exposição temporária do Museu do Doce intitulada “O Doce e a Oferenda” tratando da relação do doce com as oferendas das religiões de matriz africana. A partir dessa exposição foram aplicados alguns questionários aos visitantes referentes à exposição, porém este trabalho ainda não foi finalizado para obtermos o resultado.

Os museus citados abaixo são museus criados a partir de projetos de extensão. Os museus existem independentes da universidade, o que se realiza é uma parceria entre museu e universidade, onde acontecem os projetos. O Museu das Coisas Banais é um projeto de iniciação científica.

1.2.4 Museu Gruppelli



Fachada do prédio Museu Gruppelli

Fonte: <http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/05/20/museu-gruppelli-agora-esta-nas-redes-sociais-2/>.

O Museu Gruppelli, foi criado em outubro de 1998 por anseios da comunidade e está localizado na Colônia Municipal (7º Distrito) de Pelotas, levando o nome da comunidade na qual está inserido. Segundo a Museóloga Letícia Couto Casanova (2015), “os primeiros passos para criação do museu começaram no final do ano de 1990, quando começaram a ser recolhidos objetos pertencentes às famílias locais”. O museu tem como

missão preservar as memórias da região colonial da cidade de Pelotas, apoiado pela Família Gruppelli e dois incentivadores, a professora Neiva Vieira e o fotógrafo Neco Tavares.

O Museu Gruppelli possui vínculo com a UFPel desde 2008, com o projeto “Revitalização do Museu Gruppelli⁹”, seu acervo é composto por coleções diversas e tem como tema o modo de vida da zona rural, o tema esporte da comunidade também está representado pela instituição.

Em 2012, o museu inaugura sua primeira exposição temporária “Costurando a Memória”, buscando retratar o hábito da costura na zona rural de Pelotas, nesta exposição um estudo de público foi disponibilizado aos visitantes e como resultado notou-se que 90% das pessoas que responderam ao questionário são da cidade de Pelotas, embora uma parcela relativamente pequena fosse de moradores locais (SILVA; CASANOVA; QUENNEHEN; CASTRO; RIBEIRO, 2014). A partir desta pesquisa buscou-se uma maior aproximação do museu com a comunidade do entorno.

A instituição tem grande preocupação em aproximar o museu da comunidade, pensando nisso criaram um projeto através das redes sociais. Segundo Casanova; Silva; Ribeiro (2014) ocorre da seguinte maneira: “o visitante após conhecer o museu e seus núcleos, seleciona um espaço, a partir de suas preferências pessoais, e saca uma fotografia, que é submetida ao álbum virtual do museu na rede social Facebook”, logo após essas fotografias são adicionadas a página do museu onde o visitante pode acompanhar as atividades da instituição.

Ainda segundo os autores há também o projeto do painel "O Museu Pelos Olhos Do Público" onde os visitantes têm a possibilidade de fotografar algo que chamou sua atenção do museu, de modo que recriem os espaços do museu de acordo com a sua ótica. Tendo como objetivo agir como mediadora entre o acervo e os visitantes mostrando as preferências do público e como elas se apropriam das coleções da Instituição.

⁹ Segundo CASANOVA; SILVA; RIBEIRO (2014) o projeto nasce com o objetivo de modificar as condições ambientais da antiga adega onde se encontra o museu, reconfigurar a expografia e implantar um novo sistema de documentação.

Um estudo de público a fim de compreender quais as relações simbólicas entre o homem e o objeto foi realizado pelo museu, para tanto, foram analisados livros de sugestões e comentários do museu além dos questionários. Segundo Casanova; Silva; Fetter; Rodrigues; Souza; Ribeiro (2015) esse estudo mostrou que mais de 90% dos visitantes afirmam que os objetos trazem lembranças afetivas. Ainda segundo os autores, palavras relacionadas à perda e ao esquecimento além de outras relacionadas a emoções foram ditas quando perguntadas sobre o impacto que seria ocasionado em um eventual fechamento do museu e o significado do museu aos visitantes. Concluindo que o museu tornou-se um lugar de memória, onde a materialidade dos objetos resguarda as memórias coletivas.

1.2.5 Museu Etnográfico da Colônia Maciel



Fachada do prédio Museu Etnográfico da Colônia Maciel

Fonte: <https://www.facebook.com/museuetnograficocoloniamaciel/?fref=ts>

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel, foi implantado em 2004 e 2005, pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ, com o apoio de equipe técnica, vinculada ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. É um espaço reservado a homenagear e preservar a memória da comunidade de descendentes dos imigrantes italianos que chegaram à Serra dos Tapes, no município de Pelotas, na década de 1880. (CERQUEIRA; PEIXOTO; GEHRKE. 2009)

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel¹⁰ tem como missão promover o conhecimento e a reflexão sobre a trajetória histórica da comunidade ítalo-descendente do município de Pelotas, estabelecida originalmente no séc. XIX na Serra dos Tapes. Por meio da identificação e conservação das referências culturais orais, materiais, visuais e paisagísticas do patrimônio da imigração, procura proporcionar a preservação da memória e fomento da identidade resultante da imigração italiana na região, ensejando a reflexão sobre a importância deste processo migratório e suas implicações sobre a sociedade atual.

O museu foi inaugurado em junho de 2006, seu acervo é composto por registros orais, visuais e materiais, para isso houve uma intensa relação com a comunidade, onde foram visitadas 50 famílias, cada uma ao menos duas vezes, e 32 entrevistas de história oral realizadas. (CERQUEIRA; PEIXOTO; GEHRKE. 2009, p70)

Não houve nenhuma avaliação museológica na instituição.

1.2.6 Museu da Colônia Francesa



Fachada do prédio Museu da Colônia Francesa

Fonte: Monografia Tatiana Caetano Rocha, 2013

O Museu da Colônia Francesa foi criado em 2009, está localizado na Colônia Santo Antônio, mais conhecida como Colônia Francesa, no 7º distrito do município de Pelotas-

¹⁰ As informações relativas ao histórico do Museu de seus acervos e coleções utilizadas nesse trabalho estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/museuetnograficocoloniamaciel/?fref=ts>

RS e tem como propósito de contribuir para a preservação da memória das localidades da Vila Nova e Bachini.

Segundo Rocha(2013) “a ideia da organização de um museu na colônia, contou com o interesse de algumas famílias da comunidade francesa, que sentiam a necessidade de preservar sua cultura, procurando manter presente à história da colonização francesa no interior de Pelotas”. Segundo site¹¹ da instituição em 2010 foi criado o projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas onde alunos do curso de museologia começaram a desenvolver trabalhos junto ao museu e a comunidade.

Quando inaugurado não possuía acervo próprio, os objetos expostos eram emprestados pelo Museu Gruppelli e Museu da Colônia Maciel. Atualmente já possui um pequeno acervo fotográfico e algumas peças arrecadadas da comunidade constituindo assim seu próprio acervo.

No ano de 2013, foi realizada uma pesquisa de público (externo e interno) no Museu da Colônia Francesa, pela Museóloga Tatiana Caetano Rocha, com o intuito de analisar a relação da instituição com o público visitante e a comunidade do entorno do museu, a fim de investigar os motivos desses visitantes não frequentarem de forma assídua ou mesmo não conhecerem o museu. Segundo ROCHA (2013) como resultado da pesquisa pode-se notar que a comunidade em sua maioria sabia da existência do museu, afastando a idéia de não haver divulgação do museu na comunidade. Os que nunca visitaram o museu sabem da existência do museu na comunidade, e não o visitam por afirmarem não saber o horário de visitação, não sair de casa aos finais de semana, não ter tido oportunidade, e por timidez.

Segundo Souza; Gonçalves; Fonseca; Gastaud (2014) desde sua criação o museu deu relevância ao grupo étnico francês, entretanto, foi notando-se a necessidade de abrir espaço para outros grupos étnicos da região, como por exemplo, os italianos ou os negros. Contudo em 2014, uma pesquisa com a comunidade foi feita a fim de saber se havia interesse em ver outros grupos étnicos dentro do museu. Foram feitas entrevistas abertas,

¹¹ Site do Museu da Colônia Francesa, acesso em 16 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuDaColoniaFrancesa>

usando a metodologia da história oral, mostrando que a comunidade desejava a integração das etnias no museu registrando suas histórias e a importância das mesmas para a região.

Assim, duas exposições foram organizadas a primeira intitulada “O Patrimônio Cultural Quilombola” destacando alguns locais que rememoram a história da etnia negra na região, A segunda intitulada “A Memória da Aeropóstale”, mostrando que Pelotas fazia parte da rota do correio postal aéreo entre a Europa e a América do Sul após a Primeira Guerra Mundial. (SOUZA; GONÇALVES; FONSECA; GASTAUD,2014). Mostrando que o museu tenta inserir diretamente a comunidade em suas atividades.

1.2.7 Museu Histórico de Morro Redondo



Fachada do prédio Museu Histórico de Morro Redondo

Fonte: <https://www.facebook.com/Museu-Hist%C3%B3rico-de-Morro-Redondo-631675353557944/>

O Museu Histórico de Morro Redondo é uma ação de moradores da comunidade da cidade de Morro Redondo para preservação da história local. No ano de 2009 a prefeitura municipal juntamente com a Associação Amigos da Cultura¹² e o curso de Museologia da UFPel, formaram uma parceria. Quando então, a prefeitura designou um espaço provisório para abrigar o Museu Histórico de Morro Redondo, passando assim o Curso de Museologia a cuidar tecnicamente do acervo.

¹² Grupo com membros da comunidade de Morro Redondo.

O museu, inaugurado em 2011 e localizado no Centro de Eventos da cidade, é composto por objetos que remetem a vida no campo, a gastronomia e os veículos de transporte.

Houve um estudo de público através do livro de assinatura referente à exposição temporária do projeto¹³ “Morro Redondo: a terra do pêssego” onde mostrou que durante os dias de visita (6 a 18 de maio), segundo Passos; Insaurreaga; Rodrigues; Messias; Ribeiro (2014) representou 25% de toda demanda de visitantes que o museu teve desde sua inauguração.

A instituição sempre procurou ter uma relação bilateral com a comunidade, assim criou uma proposta de colocar a comunidade como protagonista da concepção de uma exposição, sob uma perspectiva interacionista¹⁴. Segundo Passos; Messias; Gavazzi; Conceição; Garcia; Ribeiro (2015) “o principal objetivo foi incentivar a participação efetiva dos moradores locais, visto que muitos deles, inclusive os idealizadores do Museu, estavam se afastando da Instituição”. Após reuniões definiu-se que o tema da exposição seria os bailes ocorridos no município em épocas passadas. Ainda segundo os autores toda a fase de concepção e produção da exposição ficou sob a responsabilidade da comunidade local, contribuindo com a doação de fotografias, o empréstimo de objetos e a organização da exposição. Onde a equipe do projeto colaborou apenas como mediadores.

Com esse projeto criou-se uma maior interação dos membros da comunidade criando um ambiente de reflexão e evocação de memória.

¹³Projeto era composto por três atividades complementares: a formulação de uma exposição temporária que enfatizou a produção do doce; a realização de um roteiro turístico/pedagógico com alunos de duas escolas do município e uma mesa redonda.

¹⁴Segundo Marília Xavier Cury, essa perspectiva procura a interação entre a mensagem e o visitante, própria do encontro de partes que negociam o significado da mensagem. O emissor e o receptor existem, mas ambos são enunciatários e enunciatários, indivíduos e sujeitos, posto que cada uma das partes, a seu tempo, apropria-se de discursos que circulam em seu meio [...] A proposta do processo comunicacional não está na mensagem e sim na interação, espaço de encontro entre emissor e receptor, de negociação e estruturação do significado, de construção de valores e, por que não, questionamentos, diferenças e conflitos (CURY, 2005).

1.2.8 Museu das Coisas Banais



Logotipo do Museu das Coisas Banais

Fonte: https://www.facebook.com/museudascoisasbanais/info/?tab=page_info

O Museu das Coisas Banais¹⁵ foi criado em 21 de julho de 2014, é um projeto de pesquisa vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da UFPel, existe apenas na internet e se propõe a pensar o lugar afetivo dos objetos no cotidiano.

O Museu funciona da seguinte maneira você envia a foto do seu objeto contando a história dele, o intuito, com isso, é de trazer para o mundo virtual os objetos do cotidiano com as suas histórias visando uma aproximação do museu com seu público.

A internet como meio de comunicação permite, em dois níveis, a democratização do acervo do museu

Primeiro: qualquer pessoa pode ser doadora e ter seu objeto integrado ao acervo do museu (desde que o objeto seja conservado por motivos memoriais); segundo: pessoas do mundo todo podem visitar o acervo do museu através da internet (BEZERRA; SERRES; CHAVES, 2015, p437)

Segundo site do museu, sua missão é preservar no espaço virtual, através do compartilhamento de memórias, todo e qualquer objeto, com valor afetivo, pertencente a

¹⁵ As informações relativas ao histórico do Museu de seus acervos e coleções utilizadas nesse trabalho estão disponíveis em: https://www.facebook.com/museudascoisasbanais/info/?tab=page_info

toda a qualquer pessoa. Para tanto, intenciona ampliar e democratizar a constituição de acervos, construindo um cibermuseu formado por objetos banais.

O Museu das Coisas Banais utilizou como meio de comunicação a plataforma online *Instagram*, que permite a interação entre o museu e seus usuários, no caso os seguidores. Segundo Chaves; Paulo; Serres (2016) a utilização do *Instagram* “como uma ferramenta de interação social nas redes eletrônicas tem demonstrado ser uma solução dinâmica e contemporânea aos processos museais de compartilhamento de memórias e do patrimônio material e imaterial e suas representações”.

Através do mecanismo Hashtag(#) alguns parâmetros foram estabelecidos para que fossem feita a análise das informações relacionadas ao museu, como suporte para práticas de comunicação utilizou #museu #museuvirtual #museudascoisasbanais #ufpel. Ainda segundo os autores através da utilização deste mecanismo, possibilita-se a aproximação do museu com os usuários, bem como transforma suas interações um novo molde de comunicação.

O museu possui mais de 250 objetos, no *Instagram* mais de 3500 seguidores e 27 mil curtidas considerando ser um nível básico de interação e lembrando que o museu possui mais de um ano de existência. Chaves; Paulo; Serres(2016) ainda complementam dizendo que devem ser considerados os comentários e compartilhamentos, dados que ainda estão sendo trabalhados. No canal do *Youtube* foram 1.187 visualizações. O facebook do Museu das Coisas Banais também possui mais de 2,7 mil seguidores.

Em relação ao contato com o público,

O *instagram* do MCB vem demonstrando que o público pode interagir com as práticas da instituição, utilizando as ferramentas disponíveis no aplicativo, como curtir, comentar, compartilhar. Também possibilita o contato direto com o museu através de mensagens, sendo elas privadas ou não, desta forma possibilita ao usuário a criação de uma curadoria própria e compartilhada com os demais indivíduos que ali interagem. Esse tipo de abordagem mostra que o *Instagram* vai além de uma rede de

compartilhamentos e se torna uma ferramenta de comunicação museológica. (CHAVES; PAULO; SERRES,2016, p.174-175)

E ainda como ferramenta de comunicação,

O Instagram, utilizado pelo museu possibilita uma análise do perfil do público, permite levantar informações sobre a faixa etária, a cidade de origem, profissão e interesses dos usuários. Ainda permite conhecer o olhar destes indivíduos sobre o MCB e identificar suas demandas. As ferramentas da WEB proporcionam um acesso democrático ao acervo e, no caso do Museu das Coisas Banais, à formação do próprio acervo. (CHAVES; PAULO; SERRES,2016, p.175)

Assim, o público, além de expectador, torna-se muito participativo, permitindo uma interatividade entre público-museu, público-acervo e público-público.

Podemos perceber que a grande maioria das instituições museais ligadas à UFPel buscam fazer do público ou da comunidade onde estão inseridos parte fundamental para um bom funcionamento dos museus. Onde deixam de serem somente visitantes e tornam-se participantes ativos das atividades realizadas nas Instituições, mostrando a interação e apropriação entre público e acervo e o principal realizando atividades com o público e não somente para o público.

2- MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO E A COMUNIDADE PELOTENSE

Neste segundo capítulo, primeiramente, teremos um breve histórico do MALG e sua relação com o público. E por fim, será apresentado o desenvolvimento e análise da pesquisa realizada com o público externo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

2.1 Museus de Arte Leopoldo Gotuzzo: sua trajetória e relação com o público

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo¹⁶, no ano de 2016 completará seus 30 anos de existência. Segundo o Regimento do Museu (2014) a instituição tem como missão

Zelar pela preservação e conservação de seu acervo artístico e documental, assim como divulgá-lo amplamente, através dos projetos curatoriais, expográficos e virtuais. (2014, p.1)

A Universidade Federal de Pelotas incorpora a Escola de Belas Artes, em 1972, com acervo contendo obras de artistas como:

Leopoldo Gotuzzo, Aldo Locatelli, Francisco Brilhante, Libindo Ferraz, Marina Moraes Pires, Nestor Marques Rodrigues, Alcebíades Landini entre outros. Este patrimônio artístico corporificava, inicialmente, três grandes coleções: obras doadas pelo autor Leopoldo Gotuzzo em duas ocasiões, coleções particulares doadas por Dona Bertilde Trápaga Simões e Dr. João Gomes de Mello Filho. (ROCHA, 2010, p.23)

Em 1982, a convite das professoras Luciana Renck Reis e Yeda Machado Luz (responsáveis por iniciarem um projeto de conservação e restauro das obras de arte da UFPel) chega em Pelotas a Professora Elza Maria Loureiro de Souza¹⁷, para restaurar algumas obras da Instituição. Segundo Maria Consuelo Sinotti Rocha (2010), ainda neste mesmo ano projetos para uma Pinacoteca foram instalados e esse seria o primeiro passo para a implantação de um museu.

¹⁶ Algumas informações relativas ao histórico do Museu de seus acervos e coleções utilizadas nesse trabalho estão disponíveis em: <http://wp.upfel.edu.br/malg/>.

Foi utilizado ainda o material de folders e documentos do museu para a elaboração do texto.

¹⁷ Especialista em Conservação e Restauro em Telas

Rocha (2010) ainda comenta que a Professora Luciana Reis viajou até o Rio de Janeiro onde residia Leopoldo Gotuzzo para convidá-lo à inauguração do museu e também aceitar ser o patrono do museu. O autor Gilson Barboza (2013) nos comenta que quando Leopoldo Gotuzzo foi escolhido como patrono

Manifestou seu desejo de doar um grande número de obras de arte por agradecimento a sua cidade, mesmo estando afastado de Pelotas desde sua juventude, Leopoldo Gotuzzo mantinha sua ligação com Pelotas, aonde vinha com muita frequência e no ano de 1955 doou vinte e cinco telas de sua autoria, sendo que muitas dessas obras são hoje as mais importantes obras do acervo do museu. (BARBOZA, 2013, p.21)

Leopoldo Gotuzzo é um pintor, conhecido tanto no Brasil como no Exterior, recebeu diversas premiações e distinções ao longo da sua carreira. Nasceu no dia 08 de abril de 1887, na cidade de Pelotas-RS realizou seus primeiros estudos de arte na década de 1900, com o cônsul italiano Frederico Trebi. Em 1909 estudou em Roma, permanecendo durante cinco anos como aluno do professor francês Joseph Noël. Logo após, transferiu-se para Madrid onde remeteu os primeiros trabalhos para o Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em 1983, falece no Rio de Janeiro.

Como vimos anteriormente Almeida (2001) nos mostrou as formas que se pode formar um museu universitário, citando uma das maneiras exercida pelo MALG, a doação de coleções particulares, tanto do Patrono da Instituição como de outros artistas.



Convite Original para a Inauguração do Museu de Arte LeopoldoGotuzzo/UFPEL.
Em 07 de Novembro de 1986.

Fonte: Monografia Maria Consuelo SinottiRocha,2010.

Inaugurado o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, no dia 07 de novembro de 1986,

Sob o encargo do Prof. Renato Varotto e tendo como reitor o Prof. Ruy Barbedo Antunes e como chefe do museu a Profa. Luciana Araújo Renck Reis, professora do Departamento de Artes Visuais do ILA/UFPEL. Colocado em contato direto com o público uma relevante coleção pictórica, agora pertencente à Universidade Federal de Pelotas. (ROCHA, 2010, p.26)

Museu da UFPel é inaugurado

Instalado em prédio da rua Marechal Deodoro, esquina 7 de Setembro, foi inaugurado, ontem, festivamente, às 17h, o Museu e Arte Leopoldo Gotuzzo, da Universidade Federal de Pelotas, que conta, em seu acervo, com importantes trabalhos de artistas locais.

O Museu é um órgão da Pró-Reitoria de Extensão da UFPel, Escritório de Atividades Artísticas e Culturais, e sua instalação era antigo desejo da comunidade uni-

versitária, em especial do prof. Renato Varoto, pró-reitor de Extensão. No prédio onde se encontra, está instalada, também, a livraria da UFPel.

Com presença da comunidade da UFPel, artistas e convidados especiais, o Museu foi inaugurado com pronunciamento de sua chefe, professora Luciana Araújo Renck Reis, seguido pelo do prof. Renato Varoto e do reitor da UFPel, prof. Ruy Antunes.

Notícia divulgada no Jornal Diário Popular Novembro de 1986.

Fonte: Monografia Maria Consuelo SinottiRocha,2010.

Desde sua inauguração, o MALG já mudou de localização três vezes. Vale ressaltar que todas as mudanças eram para locais com excelente localização, em áreas centrais buscando melhor atender seus visitantes. São esses locais que veremos a seguir.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo permaneceu durante cinco anos no prédio em que foi inaugurado, mudando-se em 1991 para a Rua Felix da Cunha, 818. Por fim, em 2002 mudou-se para Rua General Osório, 725 onde permanece até os dias atuais. Vale ressaltar que os três prédios que abrigaram o museu, sempre foram alugados, sendo assim a instituição não possui um prédio próprio e todas as mudanças realizadas foram no intuito de melhor expor seu acervo e atender as necessidades de suas atividades culturais para a comunidade (ROCHA,2010, p65).



Fachada do 1º prédio onde foi instalado o Museu (Rua Marechal Deodoro, 763).
Fonte: Monografia Maria Consuelo SinottiRocha, 2010.



Fachada do 2º prédio do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Rua Félix da Cunha, 818).
Fonte: Monografia Maria Consuelo SinottiRocha, 2010.

Em 2003, o museu reabre suas portas na Rua General Osório, 725. Acreditava-se que com o grande fluxo de pessoas transitando pela frente do prédio a Instituição teria muito mais visitas da comunidade pelotense.



Fachada atual prédio do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Rua General Osório, 725).

Fonte: http://doc-expoe.com.br/busca_por_museus.asp?pagina=233

A autora Neiva Maria Fonseca Bohns nos descreve a vizinhança da Instituição com

Diversos estabelecimentos comerciais, como hotéis, farmácias, restaurantes, joalherias, relojarias, óticas, lojas de tecidos, lojas de roupas e de eletrodomésticos. Na sua maioria, todos estes empreendimentos comerciais têm vitrines que atraem os olhares dos passantes (BOHNS,2013, p.774).

O MALG não é diferente, possui grandes portas de vidro, tanto na parte frontal do prédio como na lateral, o que permite uma ótima visualização do ambiente interno do prédio - onde estão as salas expositivas - pelas pessoas que transitam pela frente do museu. O que tornaria por si só, convidativo para que a comunidade possa adentrar na instituição e apreciar as exposições ali expostas. Sendo esse mais um motivo para realização desta pesquisa de buscar entender o porquê uma parte da comunidade não visita o museu. Já que o prédio torna-se “invisível” perante os indivíduos pelotenses, mesmo estando em uma esquina com localização privilegiada na cidade.

Atualmente a Instituição faz parte do Instituto de Letras e Artes (através da resolução 004/92) e conta com mais de 3.000 peças entre obras de arte, indumentária, objetos pessoais, porcelanas, esculturas entre outros, acervo esse composto por

objetos tanto de seu patrono como de outros artistas e dividido em sete coleções que são: Coleção Leopoldo Gotuzzo, Coleção Ex-alunos da Escola de Belas Artes, Coleção Faustino Trapaga, Coleção Dr. João Gomes de Mello, Coleção Século XX, Coleção Século XXI e Coleção Luiz Carlos Lessa Vinholes.

Segundo o site do MALG para um melhor funcionamento do museu criou dois núcleos são eles:

- Núcleo Didático Pedagógico: Promove a fruição e reflexão a partir das exposições e do acervo artístico e documental. Desenvolve atividades de integração Museu/Instituições de Ensino/Comunidade e estimula a participação do corpo docente e discente da Universidade Federal de Pelotas dos projetos no Museu;

- Núcleo Pesquisa e Documentação: Organiza e disponibiliza bancos de dados para fins de pesquisa e consulta. Preserva através de suas atividades de catalogação, a memória do Museu, além de realizar estudos e pesquisas que possam qualificar as atividades do Museu, bem como subsidiar as atividades relacionadas pelos demais Núcleos, Setores e Comissões.

O público sempre foi alvo principal dos eventos da instituição. Atraindo na sua maioria estudantes, desde sua fundação alguns projetos eram direcionados especificamente às escolas, como “Museu vai à Escola. A Escola vai ao Museu”, “Visitas Orientadas”, “O passeio cultural” entre outros, com objetivos de atrair o olhar dos estudantes de Pelotas para dentro do museu. O museu, no ano de 1993, realiza sua primeira exposição para os visitantes com deficiência visual, selecionando “esculturas para serem tocadas e “vistas” por seus visitantes especiais” (ROCHA, 2010, p.53).

Começa então a preocupação por atrair outras tipologias de públicos, além dos estudantes em conhecerem o museu. Uma atividade da instituição nos chamou atenção, no ano de 1995, já com o intuito de atrair o não público e evidenciar o museu, a divulgação de uma exposição foi anunciada de forma inusitada, como nos relata Rocha (2010) dizendo que a artista plástica Alice Monsell criou a “Fila Imaginária”, era um atrativo para o não público do museu, já que a artista havia percebido que os transeuntes do museu não adentravam a Instituição. Funcionava da seguinte maneira, na frente do museu era formada

uma fila com estudantes do curso de Teatro da UFPel e maquetes em tamanho real de personagens do museu como do cotidiano pelotense. A artista dizia que a população tem curiosidade desaber o que está havendo quando avistam uma fila se formando, como resultado as pessoas que por ali transitavam começaram a entrar na fila e por consequência visitando o museu.



Jornal Diário Popular - Educação e Cultura, junho de 1995.

Fonte: Monografia Maria Consuelo Sinotti Rocha, 2010

Entretanto, segundo informações obtidas dos funcionários da instituição não houve até o momento alguma outra atividade visando o não público do MALG, sendo que maioria das ações realizadas pelo museu frequentada/ou voltada ao público escolar. O MALG possui uma programação variada mesmo assim tem dificuldades para atrair o público, o que é essencial numa instituição museal. O que é confirmado por Bohnsquando afirma que

O público visitante só aumenta em ocasiões festivas, como as aberturas de exposição, ou quando algum projeto especial se encarrega de levar grupos especiais para participar de atividades educativas. (BOHNS,2013, p.778)

O MALG para uma melhor comunicação com seu público inseriu-se no mundo virtual, possui site, blog e uma conta na rede social Facebook. Sendo que o blog ¹⁸é o único que não é atualizado desde 2007. As demais mídias sociais mantêm atualizadas com as programações da instituição, como exposições, palestras e outros eventos realizados no museu.

Atualmente, segundo Carvalho(2006)

As redes eletrônicas têm transformado a relação museu e público, levando-se em conta que os museus vêm utilizando largamente os websites para sua divulgação institucional e processos de comunicação e informação eletrônica. Na análise entre a visita presencial ao museu e o uso que o público faz do seu website, o site de museu seria não somente um estimulador de uma visita física às exposições como possibilitaria a busca de informação especializada, contida em outros setores da instituição. (CARVALHO,2006, p.2)

E continua, dizendo que o ponto alto na transformação da interação comunicativa e de informação nos museus aconteceu com o crescimento da internet.

Os museus utilizam os recursos eletrônicos de comunicação e informação de forma variada e apresentam, não somente através de correio eletrônico, sua programação de exposições, de serviços e se comunicam com o seu público, formando um crescente *mailing list* ou cadastro de público interessado em receber por email a divulgação de sua programação cultural. (CARVALHO,2007, p.9)

O Museu Histórico Nacional foi o primeiro a utilizar o meio virtual como uma nova forma ferramenta para se comunicar com o público. Segundo CARVALHO (2007) o site atendeu as expectativas do público, na medida em que foi desenhado como forma de divulgação de seus acervos e atividades.

¹⁸ Endereço eletrônico do blog do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo malgpelotas.blogspot.com.br

A disponibilização de um site na internet desde 1996 contribuiu para a ampliação do público no museu; na nossa análise ficou evidente que o público virtual cresce vertiginosamente e, quando possível, pode se tornar um visitante presencial. (CARVALHO,2007, p.11)

Sendo assim, é de extrema importância que a atualização das mídias sociais do museu seja frequente para que assim a comunidade pelotense saiba dos eventos que a Instituição tem a oferecer. E com o fácil acesso que a população tem do uso da internet possibilita a quem não conhece o museu, conhecê-lo virtualmente e talvez até ter interesse em visitá-lo pessoalmente.

Atualmente a equipe do museu é formada pelos seguintes profissionais:

Diretora:JulianaAngeli

Diretor Adjunto: Lauer A. N. Santos

Secretário: Sergio Costa

Ação Educativa: Maria Consuelo S. Rocha

Conservação e Restauro: Fábio Galli

Museóloga: Joana Lizott

Pesquisa e Documentação: Roberta Trierweiler

Reserva Técnica: Denoir Oliveira

Para a comemoração dos 30 anos da Instituição foram programadas quatro exposições, Gotuzzo Revisitado e as outras três ainda não possuem previsão de serem expostas, mas os prováveis temas são: uma exposição envolvendo todas as coleções do museu; exposição sobre o acervo externo do Gotuzzo na comunidade e exposição sobre os convites e catálogos do MALG, todas essas exposições citadas podem passar por alterações. Além do “Ciclo de Palestras MALG 30 anos”.

Programação

CICLO DE PALESTRAS
MALG 30 ANOS

30 de Abril
Museologia, Conservação e Restauro e o Acervo do MALG
14h
O Ateliê de Conservação e Restauro da UFPel e suas ações preservacionistas na década de 1980 - Me. Cláudia Lacerda
16h
Coffee break
16h30
Nos bastidores do MALG: ações de preservação e comunicação do acervo - Me. Fábio Galli e Museóloga Joana Lizott

O evento ocorrerá no Auditório II do Centro de Artes da UFPel
End: Álvaro Chaves, 65

14 de Maio
Escola de Belas Artes e História do MALG
14h
A Escola de Belas Artes de Pelotas, as doações do pintor Leopoldo Gotuzzo e os origens do MALG - Profa. Dra. Clarice Magalhães
16h
Coffee break
16h30
O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (1988-2013): aspectos de sua gênese e constituição - Profa. Me. Raquel Santos Schwonke

07 de Maio
Artes Visuais em Pelotas
14h
Lançamentos dos livros:
- Memórias e Perspectivas Contemporâneas da Arte/Educação no RS. Ursula Rosa da Silva, Nadia Senna e Mirela Meira (Orgs).
- A Escola de Belas Artes de Pelotas: Memória e História. Anaízi Santo, Carmen Diniz e Clarice Magalhães (Orgs).
14h30
A Crítica de Arte de Nelson Abbott de Freitas nos anos 80 em Pelotas - Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva
16h30
Coffee break
16h30
Cartografia da Arte em Pelotas: de um perfil acadêmico à modernidade. - Profa. Dra. Carmen Regina Bauer Diniz

21 de Maio
Leopoldo Gotuzzo e Ação Educativa
14h
Crianças no Museu: o que fazer? Ações Educativas no MALG: história e comprometimento cultural - Prof. Dr. Wilson Miranda
16h
Coffee break
16h30
Território do Brincar: o museu (MALG) como espaço de ações educativas e de criação - Profa. Me. Carolina Rochefort e Profa. Me. Caroline Bonilha

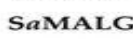
Realização:



Apoio:



Financiamento:



Programação do “Ciclo de Palestras MALG 30 anos”

Fonte: Rede Social Facebook do MALG

No site da Instituição consta que a primeira exposição a ser aberta ao público é “Gotuzzo Revisitado”

Que apresenta obras de 17 artistas que tecem diálogos com a produção ou com a vida de Leopoldo Gotuzzo, patrono do Museu. Os artistas convidados para a exposição possuem em comum o fato de ter, em diferentes momentos e sob distintas condições, cruzado suas trajetórias como o espaço do MALG: seja através da realização de exposições, seja por afinidades de suas poéticas e trajetórias, seja pela expansão possibilitada pelo Museu no momento em que assume sua condição de Museu Universitário.

GOTUZZO REVISITADO

Curadoria: Núcleo de Curadoria do MALG

Artistas: Ana Paula Maich • André Venzon • Adriani Araújo • Arlinda Nunes • Duda Gonçalves • Fernando Duval • Graça Marques • Harly Couto • Helena Pinto Ferreira • Helene Sacco • Janaina Schvambach • Júnior Asnoum • Lenir de Miranda • Mário Röhnelt • Nádia Senna • Vivian Herzog • Zeca Nogueira

Abertura: 18 de maio de 2016,
Visitação: quarta-feira, às 19h
 De 19 de maio a 10 de julho de 2016
 De terça a domingo, das 10h às 19h

ENTRADA FRANCA

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
 Rua General Osório, 725, Centro, Pelotas-RS
<http://wp.ufpel.edu.br/malg/>








Convite da exposição Gotuzzo Revisitado
 Fonte: Rede Social Facebook do MALG

Podemos perceber que há muitos ruídos na comunicação entre o museu e público. Um museu com uma ótima localização, com uma grande possibilidade dos transeuntes visualizarem as obras do museu da calçada, podendo criar certo interesse em entrarem na instituição, mostra não ser o suficiente para que o não público se sinta inserido no museu, se sinta parte daquele só existe para o público. Buscamos a seguir entender as barreiras que há entre museu e o não público.

2.2 Desenvolvimento e análise da pesquisa

Porque as pessoas que passam pelo Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo não entram?

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizei como base a análise dos questionários realizados pela estagiária Rozélia Vieira Teixeira no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Este instrumento foi aplicado aos visitantes, durante algumas aberturas de exposições. Outra fonte de análise foi uma pesquisa quantitativa feita através dos livros de assinaturas, que mostrou que o maior público do MALG eram os estudantes e professores. Todavia observamos que o museu não aplicou nenhum questionário para o público externo do museu, somente interno. Com base nisso, como dito anteriormente, o objetivo principal dessa pesquisa é entender o porquê parte da comunidade pelotense não visita o museu sendo que este se encontra localizado na área central da cidade e com fluxo grande de pessoas em seu entorno.

Assim, a fim de responder algumas questões como porque parte da comunidade não visita o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo? Ou porque se já visitou a Instituição a ela não retornou? Ou ainda porque nunca visitou o museu? Usamos como ferramenta de estudo, a pesquisa de público, a partir da utilização de um questionário com perguntas abertas e fechadas a fim de tentar entender porque um museu com uma ótima localização não consegue dialogar com a comunidade. Após será feita uma breve comparação entre esta atual pesquisa e a pesquisa realizada em 2010 pelo Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro e seus alunos a fim de descobrir se houve, nesses seis anos, alguma diferença nos resultados entre uma pesquisa e outra.

O estudo de público foi realizado a partir da aplicação de 100 questionários, nos dias 19, 20 e 22 de abril de 2016, nos turnos da manhã e tarde, em áreas de maior concentração de pessoas como: na frente do museu onde se encontram paradas de ônibus e comércio, no calçadão da cidade, no mercado público e nas redondezas da Praça General Pedro Osório. Como ao final deste trabalho será feita uma breve comparação das pesquisas, achamos ser de extrema importância obter o modelo de questionário aplicado pela turma de Comunicação em Museus, em 2010, o qual continha perguntas simples e diretas como:

1. Nome
2. Idade
3. Profissão
4. Você já visitou o MALG (se não, por quê?) (se sim, o que te levou a visitar?)

Além das perguntas do questionário mencionado acima, sentimos a necessidade de acrescentar algumas perguntas e excluir outra, assim o questionário final totalizou 11 perguntas, são elas:

Sexo

Idade

Escolaridade

Você gosta de museus?

Você já visitou o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo?

Se já visitou, com quem?

Se não, por quê?

Após sua primeira visita, você retornou ao MALG?

Se sim, o que te fez retornar?

Se não retornou, por quê?

Que atividades o museu poderia realizar para que você pudesse retornar ou visitá-lo pela primeira vez?

Vale ressaltar que além do questionário aplicado fizemos um diário de campo, neste consta alguns comentários dos entrevistados e observações da pesquisadora deste trabalho. Preferimos não determinar número de pessoas do sexo feminino e masculino, ou por idade e sim escolhermos aleatoriamente os entrevistados.

Sendo assim, dos 100 questionários aplicados 55% foram respondidos por mulheres e 45% por homens, como mostra o gráfico a seguir:

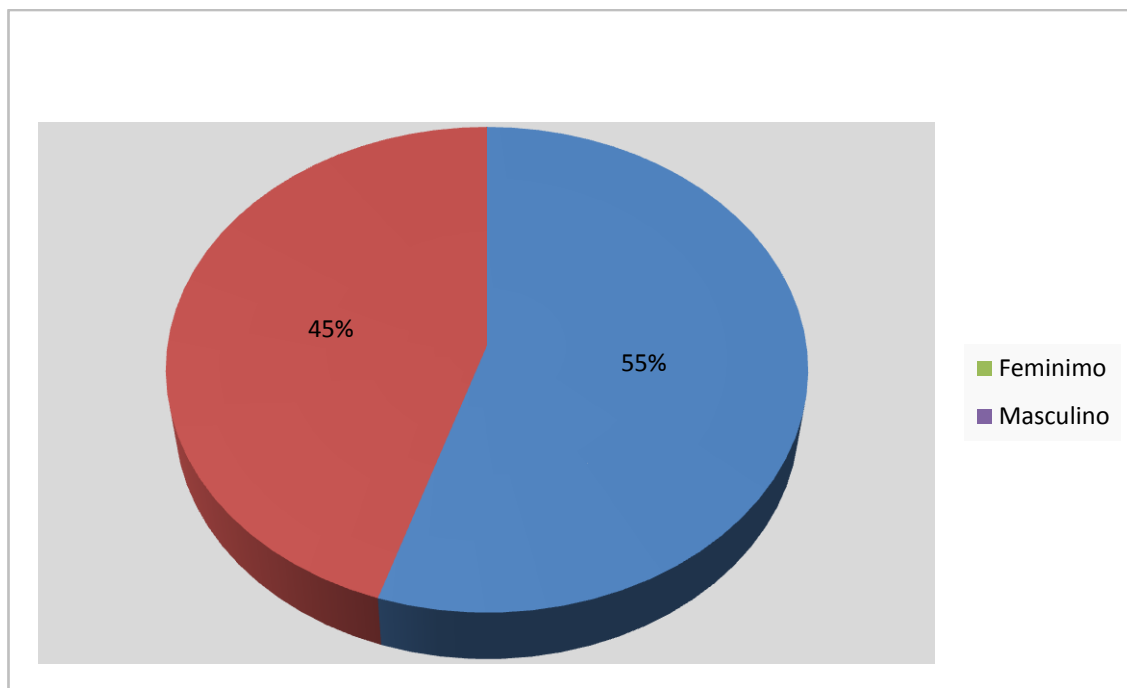
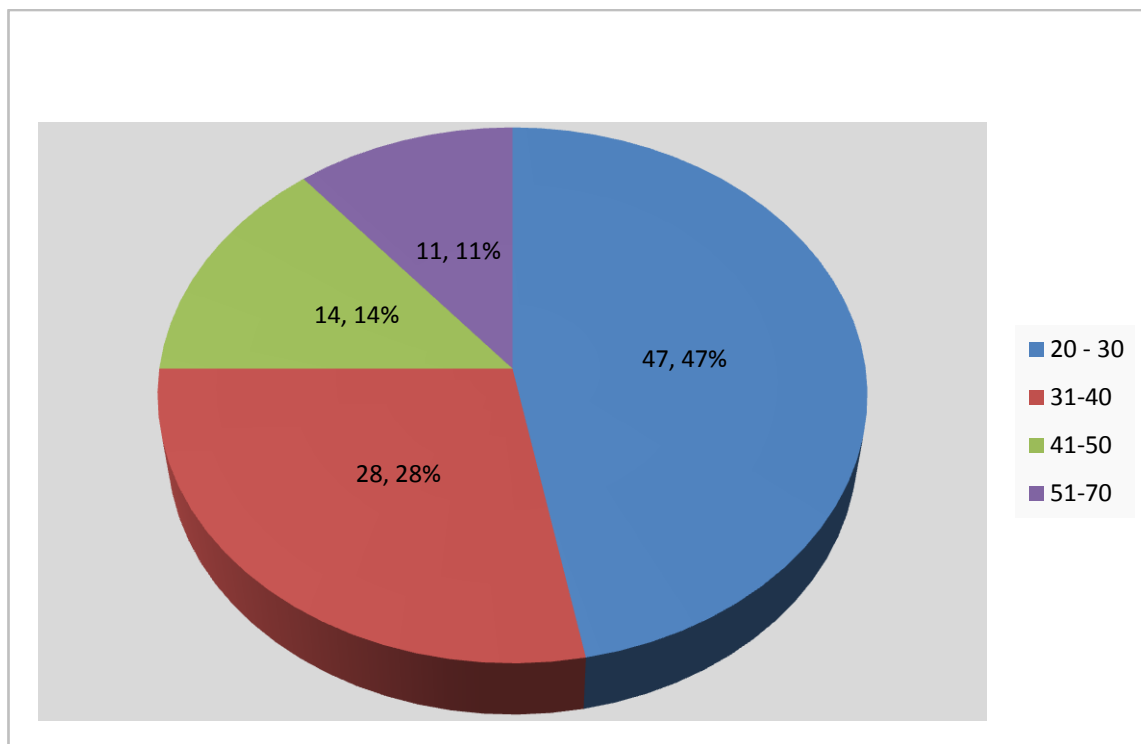


Gráfico 1 referente a pergunta: Sexo
Fonte: elaborado pela autora

Com idades variadas, mas mostrando maior interesse em responder as perguntas o público mais jovem de 20 a 30 anos, totalizou 47%; seguido por 28% entre idades de 31 a 40 anos; de 41 a 50 anos 14% responderam ao questionário e por fim de 51 a 70 foram 11%.

Observaram-se durante a aplicação dos questionários vários interesses de alguns dos entrevistados em saber sobre o curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Outros entrevistados consideram ainda a Instituição Museu como lugar de coisas velhas, demonstrando uma barreira na percepção do significado dos museus como lugar de memória, comunicação e lazer, por exemplo. O que confirma Cury(2005) quando diz que

Museu é lugar de coisa velha, de coisa antiga. Esta frase não surpreende os profissionais de museus, pois se refere à imagem que muitas pessoas ainda têm dessas instituições. Mas reflete uma distância entre essas instituições e a sociedade, da mesma forma que sugere que essas instituições atuam com referenciais pouco inteligíveis por serem diferentes daqueles do público. (CURY,2005,p.2)



Referente à escolaridade, a maioria dos entrevistados tinham concluído o Ensino Médio, 55%; seguido de 19% que possuíam o Ensino Médio Incompleto; 10% com Superior Incompleto; Superior Completo com 9%; 6% com Fundamental Completo e 1% com Fundamental Incompleto.

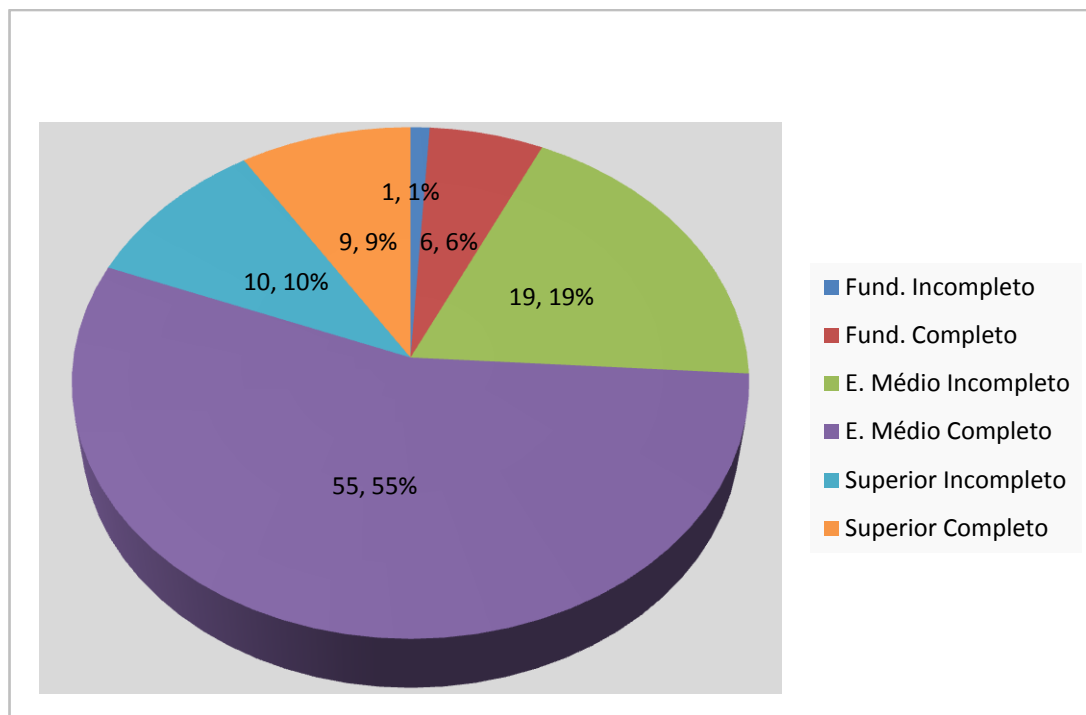


Gráfico 3 referente a pergunta: Escolaridade
Fonte: elaborado pela autora

Quando perguntados se gostavam de museus, 83% afirmaram que sim e 17% disseram que não. Nesta pergunta vale deixar registrado que alguns entrevistados, ligeiramente falaram no nome do Museu Municipal Parque da Baronesa¹⁹ como referência de museu na cidade de Pelotas.

¹⁹Museu histórico municipal, inaugurado em 1982, retrata à vida e os costumes da elite pelotense, durante o século XIX, mais precisamente da família Antunes Maciel a qual residiam na casa onde está localizado o museu atualmente. Seu acervo é composto por utensílios diários, vestimentas, moveis e acessórios de uso pessoal.

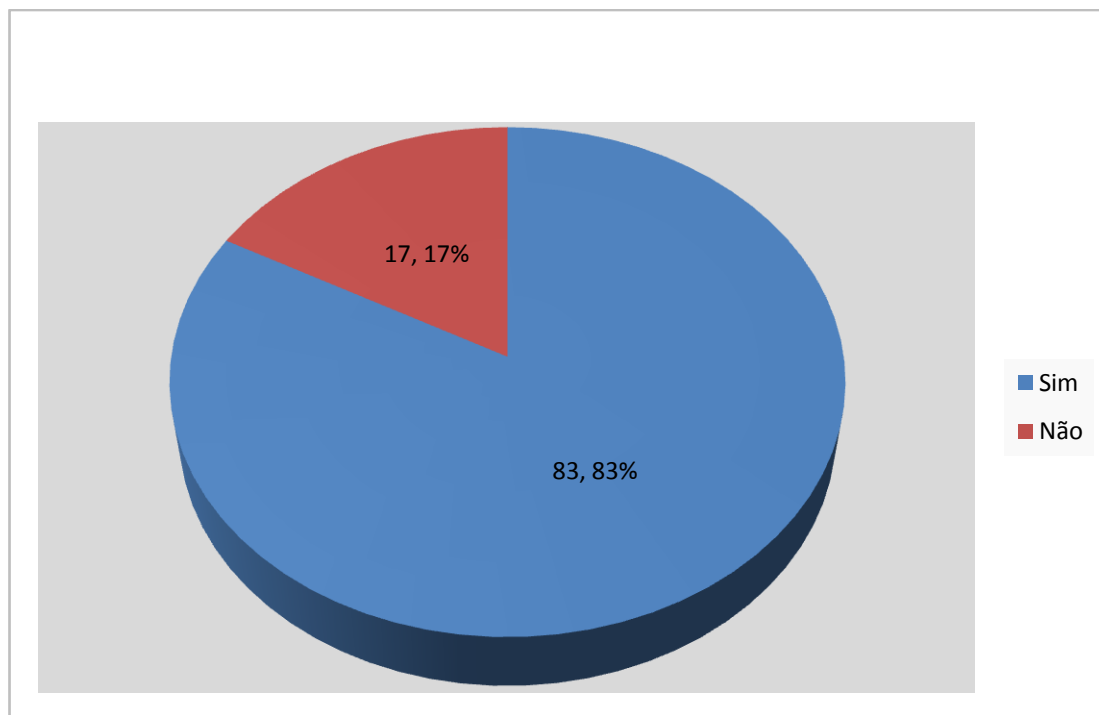


Gráfico 4 referente a pergunta: Você gosta de museus?
Fonte: elaborado pela autora

A quinta pergunta referente a se já visitaram o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo 68% responderam que sim, seguidas de 32% que não haviam visitado a Instituição. Dos que já visitaram 38,56% foram com a escola, 23,34% com a família, seguidos de 6,9% que assinalaram outros e 1% diz que visitou o MALG sozinho. Contrariando as muitas pesquisas que, segundo Almeida e Lopes afirmam

Indicarem que os museus de arte são mais visitados por pessoas desacompanhadas do que outros tipos de museus, por permitirem experiências de contemplação e fruição individual, outras indicam o espaço do museu de arte como um local de interação social e de lazer de família. (ALMEIDA e LOPES, 2003, p.143)

Foi observado que alguns dos entrevistados que mencionaram ter ido com a família ou amigos, foram com o intuito de apresentar o MALG como ponto turístico de Pelotas, mas há também os que foram com a família somente por lazer. Na opção “outros”, quatro pessoas mencionaram que foram com amigos e dois visitaram o museu através de excursões.

Já se pode notar que a escola é ainda a principal responsável por apresentar o museu aos jovens.

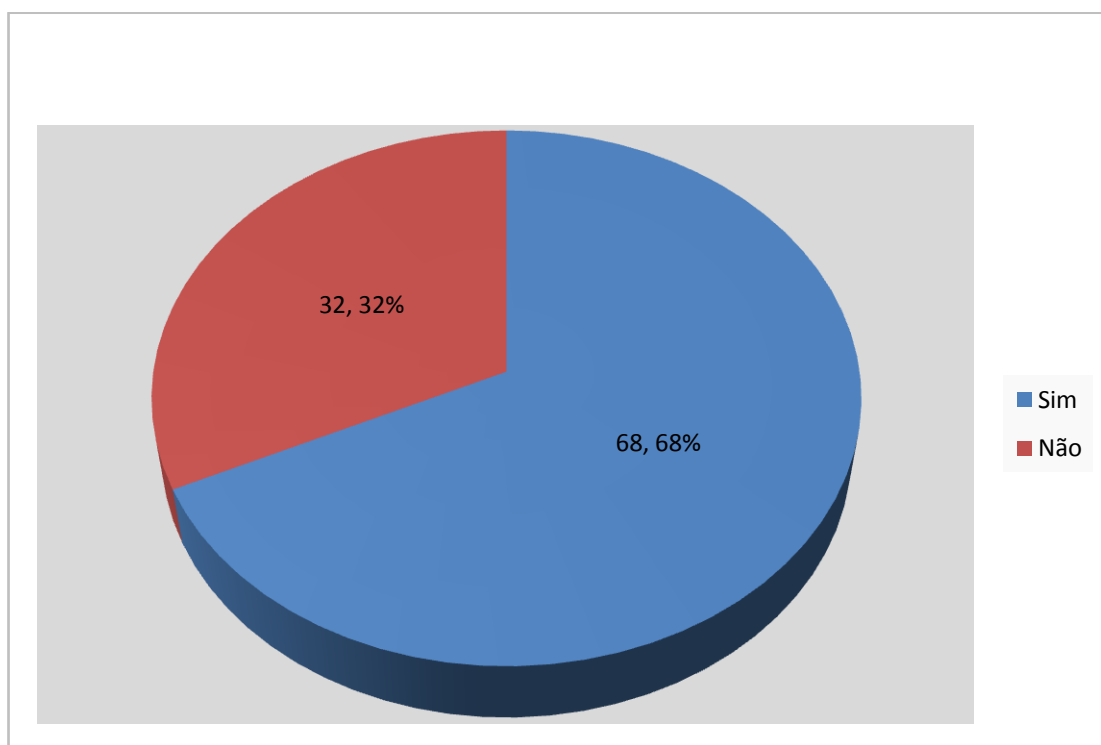


Gráfico 5 referente a pergunta: Você já visitou o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo?
Fonte: elaborado pela autora

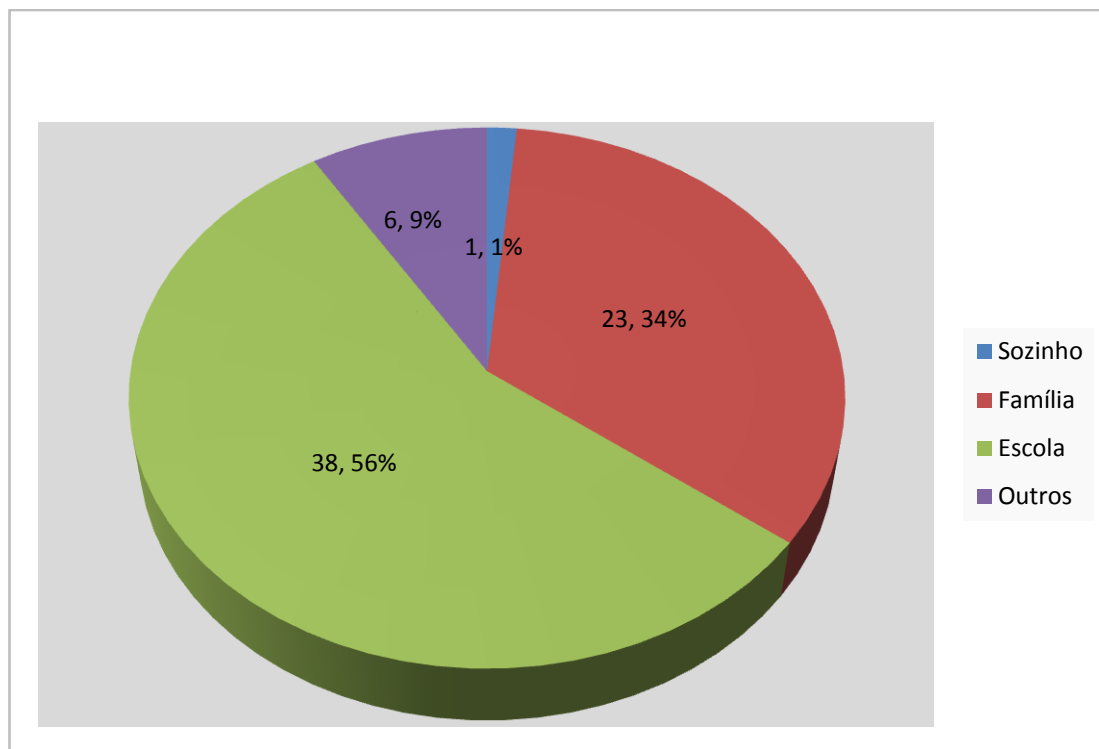


Gráfico 6 referente a pergunta: Se já visitou, com quem?
Fonte: elaborado pela autora

No gráfico abaixo, a pergunta era direcionada às pessoas que responderam que não haviam visitado o Malg. Dos 32,32% que responderam, a maioria respondeu que não sabia da existência do museu, totalizando 12,38%; 9,28% mencionaram pouca divulgação do museu; 8,25% delas disseram não ter tempo para irem ao museu e 3,9% não têm interesse no tema da Instituição.

Referente há algumas pessoas que disseram não saber da existência do museu, quando questionadas disseram ter mudado para Pelotas há pouco tempo, ou não gostar de museus, mas em sua maioria a resposta foi à falta de divulgação da Instituição e seus projetos.

As pessoas que disseram não ter tempo foram informadas de que o museu estava em funcionamento nos fins de semanas e como resposta disseram que nos fins de semana preferem ir à praia, shopping, cinema entre outros, mostrando que o ato de visitar museus ainda não é considerado como forma de lazer e diversão.

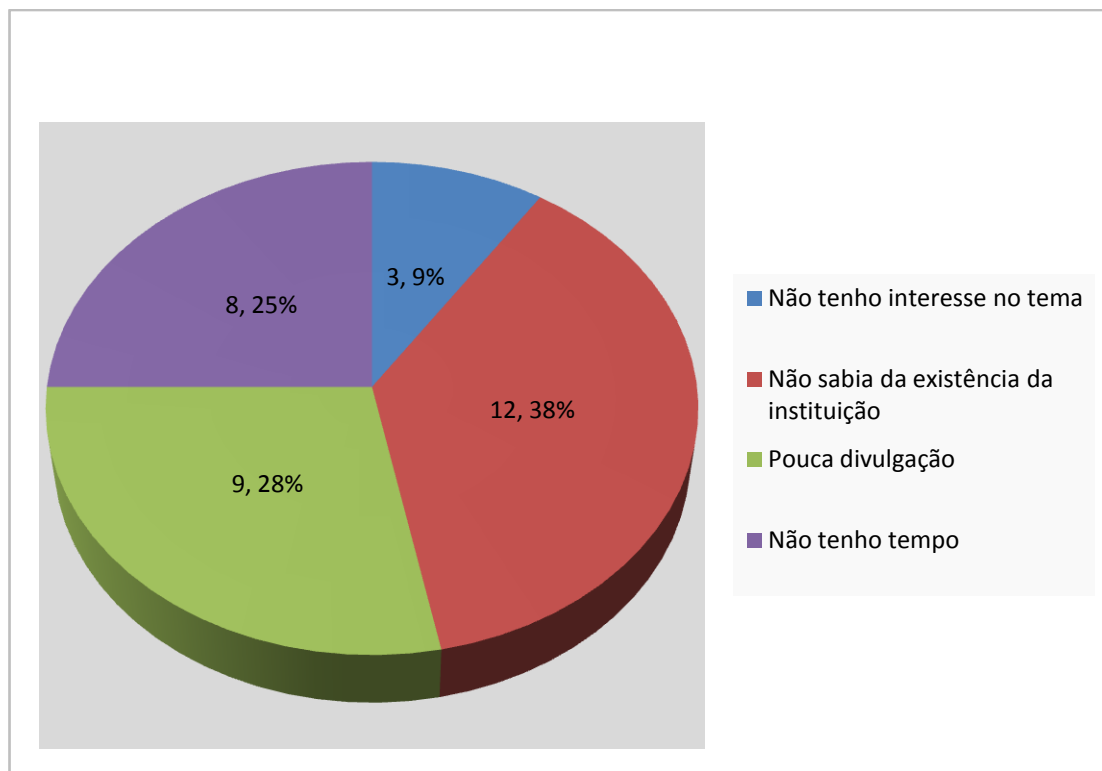


Gráfico 7 referente a pergunta: Se não, por quê?
Fonte: elaborado pela autora

Aos que visitaram o MALG, foi perguntado se após a primeira visita haviam retornado ao museu, dos 68 entrevistados, 22,32% responderam que retornaram e 46,68% responderam que não haviam retornado à Instituição.

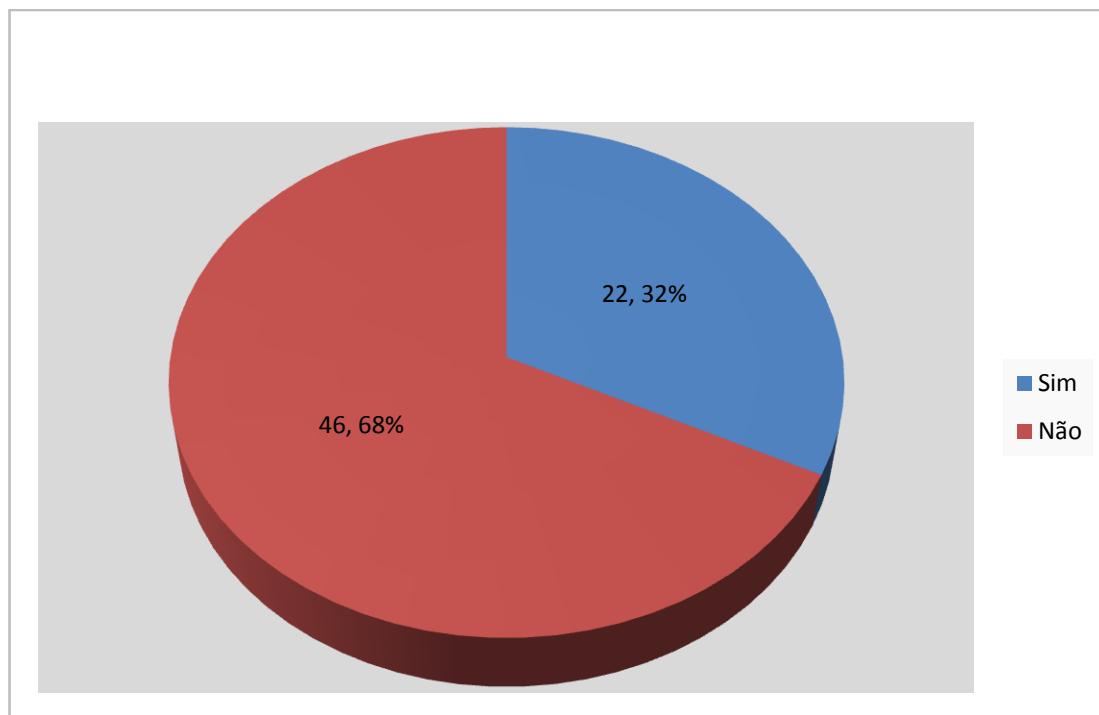


Gráfico 8 referente a pergunta: Após sua primeira visita, você retornou ao Malg?
Fonte: elaborado pela autora

Os que retornaram ao MALG, 10,46% foram acompanhados com a família, outros 10,45% disseram que retornaram com a escola e 2,9% pessoas disseram retornar para visitar uma nova exposição.

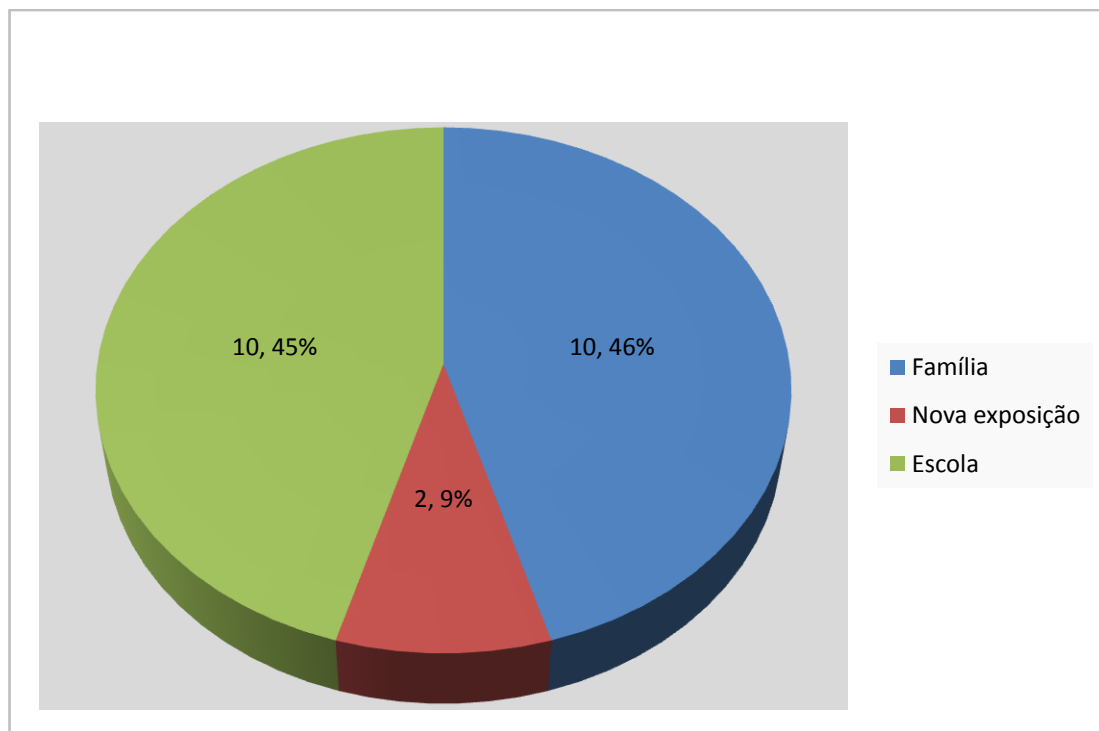


Gráfico 9 referente a pergunta: Se sim, o que te fez retornar?
Fonte: elaborado pela autora

Já no gráfico abaixo, os que não retornaram à Instituição 20,43% mencionaram não ter tempo, seguidos de 18,39% que disseram ter pouca divulgação da Instituição, 5,11% pessoas não gostaram do museu e 3,7% pessoas não gostam do tema da instituição que é artes.

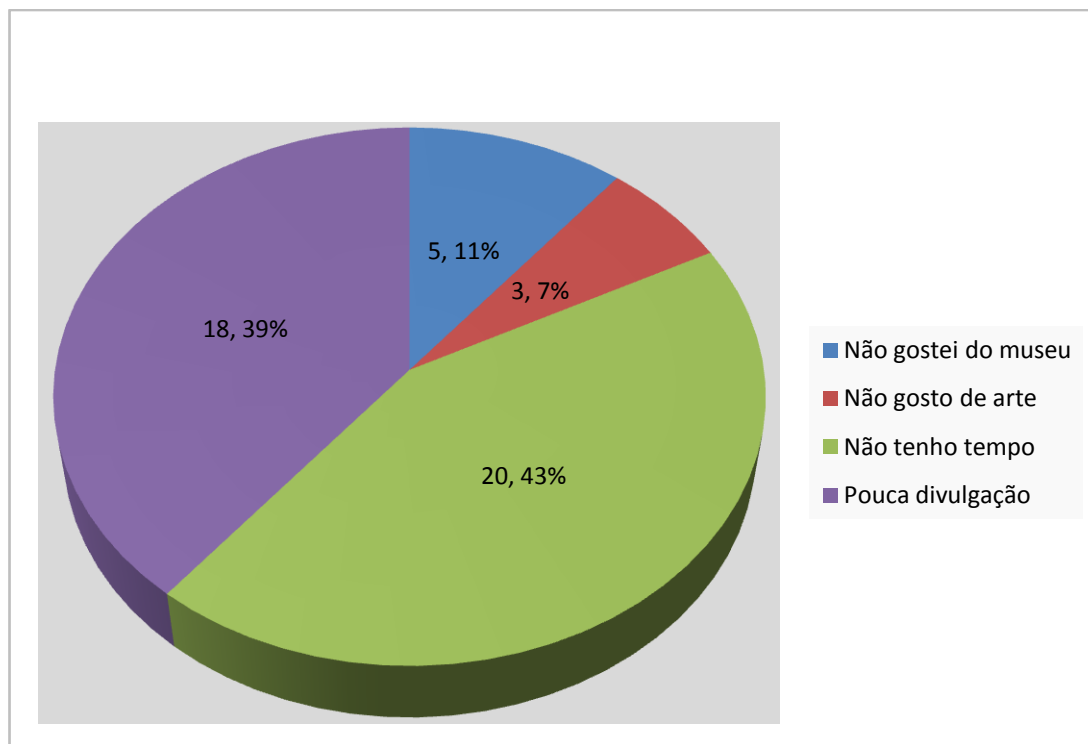


Gráfico 10 referente a pergunta: Se não retornou, por quê?
Fonte: elaborado pela autora

A última pergunta do questionário era respondida por todas as 100 pessoas entrevistadas, e tinha o intuito de descobrir que atividades o MALG poderia realizar para que o entrevistado pudesse retornar ou visitar o museu pela primeira vez. Nesta pergunta 58,58% entrevistados pediram mais divulgação da Instituição, 25,25% optaram por realizações de palestras e oficinas e 17,17% pessoas disseram que nada faria ir ou retornar ao museu, havia a opção de “outros” que poderiam sugerir algo que não estava presente no questionário, mas ninguém optou por essa alternativa.

Alguns que disseram que não iriam ou não voltariam ao museu comentaram que o atendimento que tiveram ao visitá-lo pela primeira vez não sendo satisfatório. Outra questão mencionada foi o fato de não conseguirem entender o significado de certas obras de artes que estavam em exposição no momento em que foi visitá-lo.

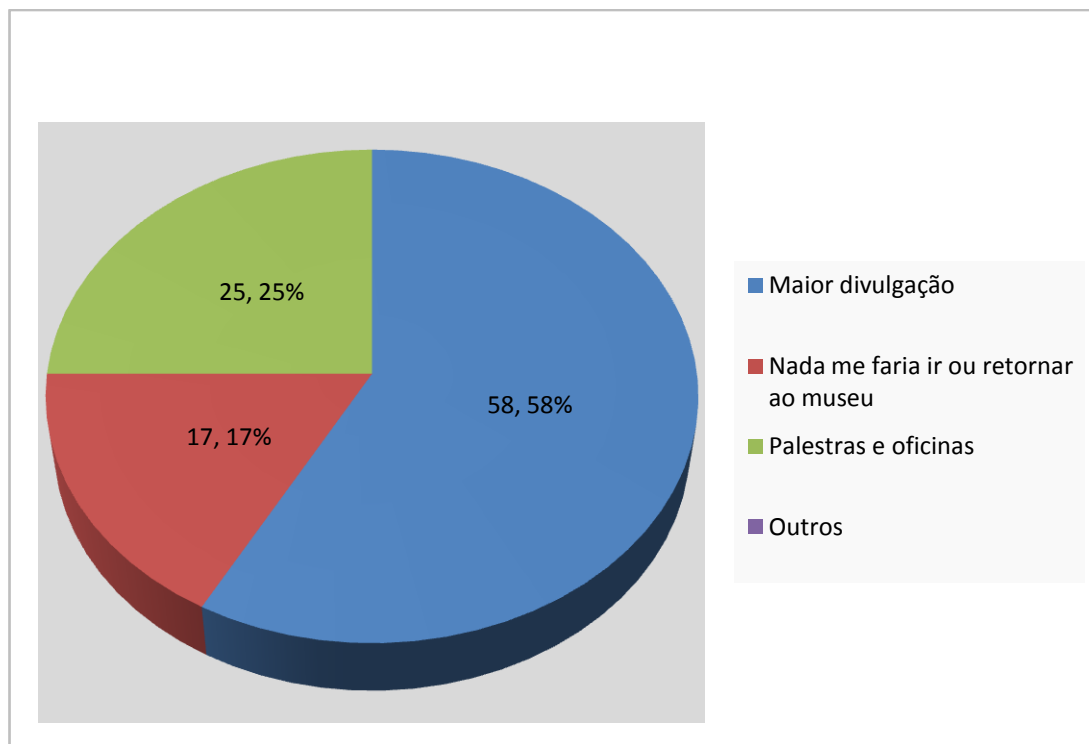


Gráfico 11 referente a pergunta: Que atividades o museu poderia realizar para que você pudesse retornar ou visitá-lo pela primeira vez?
Fonte: elaborado pela autora

Quando perguntado como poderia ser feita a divulgação da Instituição mencionaram que através das redes sociais, jornais locais e cartazes em locais públicos foram algumas das opções que obtivemos. Outro fato que vale mencionar é que alguns que dizem não gostar de museus pedem por mais divulgação da Instituição, mostrando-se abertos à uma possível visita se o tema da exposição os interessar.

Vale salientar que grande maioria dos que disseram gostar de museus e optaram por atividades como palestras e oficinas tinham o Ensino Superior concluído ou em andamento. O que já dizia Bourdieu (2003) sobre o nível de escolaridade dos frequentadores de museus que “a frequência dos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser, quase exclusivo, das classes cultas”.

Em 2010, foi realizado um breve estudo de público intitulado “Pesquisa de Público nas Cercanias do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo” ministrado na disciplina de Comunicação

em Museus pelo Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro para saber o porquê do público transeunte não adentrar ao museu.

Com a reaplicação dos questionários podemos analisar se houve ou não mudanças nesse intervalo de tempo entre uma pesquisa e outra, vale ressaltar que mesmo estando às perguntas do questionário de 2010 contendo nome, idade e profissão os resultados que constam na publicação são apenas das perguntas: Você já visitou o MALG (se não, por quê?) - (se sim, o que te levou a visitar?), assim:

Como resultado da pesquisa, obtivemos os seguintes dados: do total de entrevistados (510 pessoas), 29,6% das pessoas responderam que já o visitaram, dos quais, 39,84% foram com a escola, 21,05% foram por curiosidade e 33,83% por apreciarem arte. Já 70,39% das pessoas entrevistadas responderam que nunca mais visitaram o museu, 47,35% delas por falta de divulgação, 13,64% por falta de tempo e 16,71% por não terem nenhum interesse. (RIBEIRO, 2010, p.1)

Através desse resultado podemos analisar que os resultados de ambas as pesquisas constatarem que a maioria dos entrevistados afirma terem ido visitar o MALG através da escola. Confirmando o que afirmou Paul Dimaggio de que “o hábito de frequência a museus e atividades culturais vai se formando na escola, junto à família e amigos” (CARVALHO *apud* DIMAGGIO, 2007, p.4)

Já os que nunca mais retornaram ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, na primeira pesquisa afirmam ser por falta de divulgação, seguidos por falta de tempo e não terem nenhum interesse. Na pesquisa atual o resultado a essa pergunta foi primeiramente não ter tempo, seguido de falta de divulgação, não gostei do museu e não gosto de arte.

Mostrando que ainda há barreiras comunicacionais que o museu deve romper ficando mais próximo da comunidade em geral e não somente o público escolar, devendo aproveitar melhor a localização que possui e incluir a comunidade pelotense diretamente nas suas atividades de uma instituição que tem o dever de comunicar, ser aberta ao público e estar a serviço da comunidade.

Considerações Finais

Este trabalho teve como finalidade descobrir os motivos pelo qual parte da comunidade pelotense não visita o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, o qual se encontra localizado na parte central da cidade de Pelotas e sendo assim com um grande fluxo de pessoas diariamente.

Como o MALG não possui um público alvo definido no seu Regimento Interno e com as aplicações dos questionários, em 2014 pela estagiária Rozélia, nos quais se pode constatar que o público visitante do museu eram estudantes seguidos por professores, notou-se que era de suma importância a realização de um trabalho acerca do não público do museu. Lembrando que no ano de 2010 o Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro juntamente com sua turma de Comunicação em Museus do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, realizaram uma pesquisa a fim de saber o porquê os transeuntes das cercanias do MALG não adentram a instituição.

Como dito anteriormente, o museu possui uma excelente localização com muitos passantes durante o dia, tem suas salas expositivas aparentes já que através de suas grandes janelas podem-se visualizar as obras expostas da calçada pelos que ali transitam, mais um motivo para a realização deste trabalho. Além de reafirmar a importância dos estudos de públicos como forma do museu conhecer seu público e não público, e assim haver uma comunicação sem ruídos, de forma clara e precisa. Vale ressaltar que as instituições museais estão priorizando cada vez mais o diálogo entre museu e público, já que é nítido que não razão de um existir sem o outro.

Assim, utilizamos como ferramenta de análise, o estudo de público aplicando alguns questionários junto à comunidade pelotense. Como resultados desta pesquisa pode-se perceber que ainda o principal motivador das visitas à instituição é a escola, sendo esta também uma das razões para que parte dos entrevistados retorne ao museu. Grande parte dos que já visitaram o MALG não retornaram principalmente por afirmarem não ter tempo seguido pela falta de divulgação da instituição.

Vale ressaltar que os que responderam não terem ido ao MALG, a maioria respondeu que não visitaram a instituição por não saber da sua existência já mostrando que

não há uma divulgação pertinente nem uma boa comunicação, criando uma barreira entre o museu e comunidade. Ao perguntar o que o museu poderia fazer para que o entrevistado pudesse voltar ao museu ou conhecê-lo a resposta unânime foi de uma maior divulgação da instituição.

Sendo assim é notório que o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo deve melhorar sua comunicação com a comunidade, isto pode acontecer através das mídias sociais, sendo atualizadas periodicamente, como também utilizando outros meios de comunicação como jornais locais, rádios e panfletos sobre o museu distribuídos em locais estratégicos da cidade. O site do museu pode disponibilizar imagens das suas instalações e de parte do seu acervo, utilizando de modo eficiente o potencial de divulgação da internet. Pode disponibilizar, como diz no Estatuto dos Museus, um livro para sugestões e comentários onde o visitante coloca sua opinião sobre o museu e/ou exposição.

É possível perceber na foto da fachada do museu que é pouco visível saber que ali funciona uma instituição museal. Talvez seja necessária uma pequena mudança na fachada do prédio onde está o museu, como letreiros mais chamativas, já que o nome da instituição nos enormes vidros das janelas inferiores pouco chama atenção de quem transita por ali; também a utilização de alguma placa sinalizando que aquele prédio é um museu. Exposições itinerantes podem ser realizadas em locais públicos que possuam certa segurança para as obras que serão expostas, como a rodoviária da cidade, o mercado público e até mesmo o Shopping Center de Pelotas, lugares com bastante fluxo de pessoas servindo como divulgação para futuras visitas do não público ou para o retorno ao museu.

A pesquisa de público mostrou-se de grande relevância para este trabalho, mostrando ser uma eficaz ferramenta utilizada pelos museus tanto para conhecer o perfil do seu público, como também tentar sanar os ruídos na comunicação e descobrir se seus objetivos estão sendo alcançados. Esperamos que de alguma forma essas sugestões sirvam de contribuição para que o museu consiga dialogar com o seu não público e seja visto como um local de lazer e aprendizagem e não mais como lugar de coisas velhas. Que a instituição reflita suas ações para que não haja mais barreira comunicacional entre museu e comunidade, que se crie um vínculo onde os transeuntes se sintam parte integrante do

museu e que o museu reflita que suas atividades devem ser feita com o público e não para o público.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Adriana Mortara; LOPES, Maria Margaret. **Modelos de comunicação aplicados aos estudos de públicos de museus.** Ciências Humanas Taubaté, v 9, n 2, jul-dez 2003.

ALMEIDA, Adriana Mortara.. **Museus e Coleções Universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Informação e Documentação. São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Adriana Mortara.: **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), 2005.

BARBOZA, Gilson.. **Estudo dos exames realizados nas pinturas do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.** Trabalho de Conclusão apresentado ao Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Moveis da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

BEZERRA, Daniele Borges; SERRES, Juliane; CONCEIÇÃO; Primon; CHAVES, Rafael Teixeira. **Museu das Coisas Banais: cultura material e virtualidade.** VI Seminário Internacional de Políticas Culturais. Fundação Casa de Rui Barbosa– 26 a 29 de maio de 2015. Rio de Janeiro-Brasil

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. **A vitrine invisível. Um estudo sobre o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - Arte e suas instituições.** XXXIII Colóquio Comitê Brasileiro de Historia da Arte, Setembro de 2013 – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** 2 ed. – São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Porto Alegre, Zouk, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus.** Disponível em: <http://www.museus.gov.br>. Acesso em 30 de setembro de 2015.

BRAHM. José Paulo Siefert. **Comunicação em Museus: Pesquisa de público do Museu de Ciências Carlos Ritter, Pelotas/RS.** Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2014.

CABRAL, Magali. **Comunicação, educação e patrimônio cultural**. Texto apresentado no Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul. Inédito. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2002.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **A relação museu e público: a contribuição das tecnologias da informação**. Debate em Museologia e Patrimônio Comunicação Oral. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 28 a 31 de outubro de 2007. Salvador – Bahia.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **A pesquisa de avaliação da exposição “ A Res Publica Brasileira”**. Comunicação oral. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013). GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Joao Pessoa, 2013

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **As transformações da relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação**. Segundo semestre, 2006

CASANOVA, Letícia Couto. **A relação simbólica do homem com o objeto: a imaginação museal no Museu Gruppelli**. Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas –RS.2015

CASANOVA, Letícia Couto; SILVA, Mariana Boujadi Mariano da; RIBEIRO, Diego Lemos. **MUSEU GRUPPELLI: projetos de comunicação e educação**. Congresso de Extensão e Cultura - memória e muitos tempos. Pelotas – RS, 2014.

CASANOVA, Letícia Couto; SILVA, Mariana Boujadi Mariano da; FETTER, Daniela; RODRIGUES, Rosana dos Santos; SOUZA, Erleci Santhes Esteves de; RIBEIRO, Diego Lemos. **As conexões simbólicas entre os visitantes e as coleções do Museu Gruppelli: os resultados preliminares de um estudo de público**. Semana Integrada ensino – pesquisa- extensão – UFPel 2015. Congresso de Extensão e Cultura. Pelotas, 2015.

CERQUEIRA, Fabio Vergara; PEIXOTO, Luciana da Silva; GEHRKE, Cristiano. **Museu Etnográfico da Colônia Maciel: a trajetória de um equipamento cultural dedicado à memória da comunidade ítalo-descendente de Pelotas**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.1, n.1, dez. 2009/ mar.2010.

CHAVES, Rafael Teixeira; PAULO, Andre Luiz da Silva; SERRES, Juliane. **O Instagram como ferramenta de comunicação museológica: o caso do Museu das Coisas Banais**. Conexões Culturais - Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura. V. 02, nº 01, ano 2016.

COELHO, Jossana Peil; CHAVES, Rafael Teixeira; FREITAS, Roberta da Silva; YUNG, Yuri; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **MUSEU DO DOCE: o começo de uma trajetória.** Congresso de Extensão e Cultura - memória e muitos tempos. Pelotas – RS, 2014

COGAN, Andrea. **Pesquisa de público no Museu Militar do Comando Militar do Sul: quem são os visitantes?** Mouseion, n 10, jul – dez 2011. Porto Alegre- RS.

COSTA, Luciana Ferreira da; BRIGOLA, João Carlos Pires. **Habito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil.** Revista Ibero-americana de Turismo – RITUR, Penedo, v 4, Numero Especial, 2014

CURY, Marília Xavier. **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), 2005.

CURY, Marilia Xavier. **Comunicação Museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP.** Revista CPC, São Paulo, n 3, Nov. 2006/abr.2007.

CURY, Marília Xavier. **Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus.** Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume I. 2008. Rio de Janeiro – Brasil.

CPIM/DEPMUS/IBRAM. **Relatório final da pesquisa. O “não público” dos museus: levantamento estatístico sobre o “não ir” a museus no Distrito Federal.** Brasília, setembro de 2012.

DEGELO, Maria Ivone. **O público de museu: pequeno diagnóstico.** 2009. Disponível em: http://www.usp.br/estetica/2011/index.php?view=article&catid=35%3Arevista01&id=16%3A2009-1-art3&format=pdf&option=com_content&Itemid=37%3E. Acesso. 20 de maio de 2016.

DESVALLÉES, Andre e MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Editores Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. Florianópolis: FCC, 2014.

FLEURY, Laurent. **Sociologia da cultura e das práticas culturais.** São Paulo. Ed: Senac, São Paulo, 2009.

GAUSTAUD, Carla Rodrigues; CRUZ, Matheus; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins; SÁ, Patrícia Cristina da Cruz; CASTRO, Renata Brião de. **Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPel (Universidade Federal de Pelotas)**. Expressa Extensão. Pelotas, v 19, n 2, 2014

GUAPO. Amanda Lúcia Gama Pereira Dias. **Estudo de caso: avaliação da exposição permanente do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra “Segredos da luz e da matéria”**. Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio. 2010

KÖPTCKE. Luciana Sepúlveda. **Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil**. Museologia & Interdisciplinaridade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, jan./jul. de 2012.

LIMA, Marcelo Lopes; BRAHM, José Paulo Siefert; SILVEIRA, Sandra Halfen; DORNELLES, José Eduardo Figueiredo. **“Exposições 2014”: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, em PELOTAS/RS**. Congresso de Extensão e Cultura - memória e muitos tempos. Área: comunicação. Pelotas-RS. 2014

OLIVEIRA. Rosana Xavier de. **Estudos de público no Museu Antares de Ciência/ Tecnologia em Feira de Santana – BA**. Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2013.

PASSOS, Anderson Moreira; MESSIAS, Andrea Cunha; GAVAZZI, Beatrice Ribeiro; CONCEIÇÃO, João Pedro Rodrigues da; GARCIA, Susan Regina Caetano; RIBEIRO, Diego Lemos. **Ações educativas desenvolvidas no Museu Histórico de Morro Redondo - uma experiência interacionista**. Congresso de Extensão e Cultura. Pelotas, 2015.

PASSOS, Anderson. INSAURRIAGA, Daiane. RODRIGUES, Joao Pedro. MESSIAS, Andrea Cunha. RIBEIRO, Diego Lemos. **“Morro Redondo: a terra do pêssego”: Resultados das ações realizadas pelo projeto**. Congresso de Extensão e Cultura - memória e muitos tempos. Área: cultura. Pelotas, 2014.

PINTO, Julia Rocha. **Público em museus de arte: mediação cultural e recepção**. VI Ciclo de Investigação do PPGAV – UDESC. Florianópolis, 1 a 3 de junho de 2011.

Resolução nº 23 de 24 de julho de 2014, **Regimento do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**. Ministério da Educação Universidade Federal de Pelotas. Secretaria dos Conselhos Superiores. Conselho Universitário- CONSUN. Pelotas-RS.

ROCHA, Tatiana Caetano. **Estudo de público no Museu da Colônia Francesa: os que visitam e os que não visitam e suas razões**. Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

ROCHA, Maria Consuelo Sinotti. **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: contribuição e integração com o ensino de Arte através de seu Setor Educacional**. Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural-Conservação de Artefatos da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

RIBEIRO, Diego Lemos... [et al]. **Pesquisa de público nas cercanias do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**. Comunicação oral. Pelotas, RS, 2010.

SILVA, Mariana Boujadi Mariano da; CASANOVA, Letícia Couto; QUENNEHEN, Bianca; CASTRO, Renata Brião de; RIBEIRO, Diego Lemos. **O Museu Gruppelli e o programa de exposições temporárias: um relato sobre as experiências de concepção, montagem e avaliação**. Congresso de Extensão e Cultura - memória e muitos tempos. Pelotas – RS, 2014.

SOUZA, Eliana Menezes de; GONÇALVES, Franciele de Mello; FONSECA, Marlene Mattos da; GASTAUD, Carla. **Exposição e ação educativa no Museu da Colônia Francesa: em busca da interação cultural entre grupos étnicos de uma mesma região**. Congresso de Extensão e Cultura- memória e muitos tempos. Área: cultura. Pelotas- RS, 2014

Site do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Acesso em 16 de maio de 2016. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/malg/>.

Site da Universidade Federal de Pelotas. Acesso em: 20 de maio de 2016. Disponível em: <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>

Site Museu Carlos Ritter. Acesso em 15 de maio de 2016. Disponível em: <https://dacbufpel.wordpress.com/2013/05/12/museu-carlos-ritter/>.

Site Museu Gruppelli. Acesso em 15 de maio de 2016. Disponível em: <http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/05/20/museu-gruppelli-agora-esta-nas-redes-sociais-2/>

Site do Museu Arqueológico e Antropológico. Acesso em 16 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/muaranufpel/?fref=ts>.

Site Museu das Coisas Banais. Acesso dia 16 de maio de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/museudascoisasbanais/info/?tab=page_info

APÊNDICES

Questionário externo aplicado à comunidade Pelotense sobre o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Questionário Externo de Estudo de Público

1- Sexo

()F ()M

2- Idade _____

3- Escolaridade

4- Você gosta de museus?

()Sim ()Não

5- Você já visitou o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo?

()Sim ()Não

6- Se já visitou, com quem?

()Sozinho ()Família ()Escola ()Outros _____

7- Se não, por quê?

()Não tenho interesse no tema ()Pouca divulgação
()Não sabia da existência da instituição ()Não tenho tempo

8- Após sua primeira visita, você retornou ao MALG?

()Sim ()Não

9- Se sim, o que te fez retornar? _____

10- Se não retornou, por quê?

() Não gostei do museu ()Não tenho tempo
()Não gosto de arte ()Pouca divulgação

11- Que atividades o museu poderia realizar para que você pudesse retornar ou visitá-lo pela primeira vez?

()Maior divulgação ()Palestras e oficinas
()Nada me faria ir ou retornar ao museu ()Outros _____